



Nietzsche

Filósofo do martelo e do crepúsculo

INDICE

EDITORIAL	2
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>Nietzsche - Vida e obra.....</i>	<i>3</i>
<i>Investidas contra o Deus moral obsessivo</i>	<i>4</i>
Entrevista com Paul Valadier	4
<i>Buscando o critério de avaliação das avaliações</i>	<i>7</i>
Entrevista com Scarlett Marton	7
<i>A obsolescência do sujeito unitário.....</i>	<i>9</i>
Entrevista com Alberto Onate	9
<i>Uma revolução na forma de pensar</i>	<i>16</i>
Entrevista com Vânia Dutra de Azeredo	16
DESTAQUES DA SEMANA	20
LIVRO DA SEMANA	20
Éthique, La Méthode, tomo 6, de Edgar Morin. Paris: Seuil, 2004. 256 p.	20
Morin, questão de método	20
“A medicina é amor, todo amor é medicina”	22
O mestre estudante.....	25
TEOLOGIA PÚBLICA	26
A Igreja vestida somente de evangelho e sandálias.....	26
Entrevista com Jose Ignacio González Faus.....	26
ENTREVISTA DA SEMANA.....	30
Socialibilidade e moralidade se tornaram adversárias.....	30
ARTIGO DA SEMANA	33

O outro da religião	33
ANÁLISE DE CONJUNTURA.....	36
Mercosul nunca passou de caricatura	36
Por Gilberto Dupas	36
DEU NOS JORNAIS	38
FRASES DA SEMANA.....	43
EVENTOS IHU.....	45
SIMPÓSIO INTERNACIONAL TERRA HABITÁVEL: UM DESAFIO PARA A	
HUMANIDADE.....	45
Oficinas e minicursos do segundo dia	45
SIMPÓSIO INTERNACIONAL TERRA HABITÁVEL: UM DESAFIO PARA A	
HUMANIDADE.....	46
Universidades e Centros de Pesquisa com presença confirmada	46
CONCEITO E MISSÃO DA TEOLOGIA EM KARL RAHNER	46
IHU EM PORTO ALEGRE EM 2005	47
EDIÇÃO ESPECIAL DO IHU ON-LINE.....	47
IHU REPÓRTER	48
VANDERLEI LANGONI.....	48
CARTAS DO LEITOR.....	50
ERRAMOS	50

EDITORIAL

*A 15 de outubro de 1844, nascia Friedrich Nietzsche, em Röcken, na atual Alemanha. Comemorando os 160 anos de nascimento de Nietzsche, este número do **IHU On-Line**, como tema de capa, discute o legado desse filósofo que, ao lado de Freud e Marx, é apontado como um dos responsáveis pela revolução das técnicas de interpretação. Ele rompe com as interpretações morais da História e condena a Filosofia tradicional, acusando-a de apenas dominar o passado. Do martelo de Nietzsche nasce uma crítica impiedosa da modernidade. De tudo suspeita. Seu pensamento denuncia preconceitos, desmonta estratégias, critica os valores vigentes. Seus escritos repercutiram na literatura, nas artes plásticas, na música, na psicanálise, nas ciências humanas. Questiona os pressupostos inerentes às várias concepções. Quer definir um critério para a avaliação das avaliações. Pensar como ele pode ajudar-nos a fugir da exacerbação relativista pós-moderna, observa a professora da USP Scarlett Marton, uma das entrevistadas desta edição. Também entrevistamos um reconhecido especialista em Nietzsche, o filósofo francês Paul Valadier, jesuíta, que destacando, do filósofo alemão, a sua preocupação com a genealogia da consciência, definindo-a como uma “interrogação de natureza cristã”, afirma que não é “possível nem desejável “conciliar Nietzsche e o cristianismo”. Isso não é possível, porque seria ir contra as suas afirmações mais constantes e mais fundamentais”.*

*Entrevistamos, igualmente, os professores Alberto Onate, da Unioeste, e Vânia Dutra de Azeredo, da Unijuí. Esse conjunto de entrevistas propicia aos leitores e às leitoras de **IHU On-Line** uma visão atualizada de Nietzsche, mobilizando o seu pensamento para auxiliar-nos a transitar na contemporaneidade.*

*Também destacamos, nesta edição, a entrevista com o teólogo jesuíta espanhol Ignacio Gonzáles Faus, que reivindica uma Igreja verdadeiramente para os pobres. Como livro da semana indicamos, novamente, pela sua importância, o 6º volume de **O Método**, de Edgar Morin, intitulado **Éthique**. Reyes Mate, filósofo espanhol, no artigo da semana reflete sobre o intenso debate entre Marcel Gauchet e Luc Ferry sobre “o religioso após a religião”.*

Este é o penúltimo boletim de 2004. O último será o da próxima semana. Na abertura do Fórum Social Mundial, dia 26 de janeiro, circulará a versão impressa de um número especial do boletim. Ele estará disponível no estande do IHU e sua versão eletrônica estará disponível no dia 17 de janeiro. O boletim voltará a circular normalmente, semanalmente, na segunda-feira, dia 28 de fevereiro de 2005.

A todos e todas, uma ótima leitura e uma excelente semana!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

NIETZSCHE - VIDA E OBRA

Friedrich Nietzsche, nascido em 15 de outubro de 1844 em Röcken, nos arredores de Lützen, atual Alemanha e falecido em 25 de agosto de 1900 em Weimar, foi um filósofo alemão do século XIX; filólogo e teólogo por formação acadêmica; grande crítico da cultura ocidental, das religiões e, conseqüentemente, da moral judaico-cristã, associado geralmente ao niilismo.

Apesar de Nietzsche, devido à influência de Arthur Schopenhauer¹, considerar o Cristianismo e o Budismo como "as duas religiões da decadência", tinha especial desprezo pelo Cristianismo, repudiando a concepção que a plenitude da existência seja uma promessa a ser cumprida após a morte, não em vida.

Nietzsche deu forma ao Nihilismo com os seguintes argumentos: A moral não tem importância; os valores morais não têm qualquer validade, só são úteis ou inúteis consoante a situação; A verdade não tem importância; verdades indubitáveis, objetivas e eternas não são reconhecíveis. A verdade é sempre subjetiva; Deus está morto: não existe qualquer instância superior, eterna. O homem depende apenas de si mesmo; O eterno retorno do mesmo: A história não é finalista, não há progresso nem objetivo.

¹ Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão, considerou ser a Vontade a última e mais fundamental força da natureza, que se manifesta em cada ser no sentido da sua total realização e sobrevivência. Iniciou estudos de medicina na universidade de Göttingen, mudando depois para filosofia, na universidade de Berlim. Sua tese *Vierfach Wutzel der Zats uber zurechern Grund* ("Sobre a quádrupla raiz do princípio da razão suficiente") foi escrita em 1813. Seu livro mais conhecido, *Die Welt als Wille and Vorstellung* ("O Mundo como vontade e representação") apareceu em 1818. (Nota do *IHU On-Line*)

Na Alemanha Nazi, a figura de Nietzsche foi cultivada e promovida. Em Mein Kampf, Hitler descreve-se como a encarnação do sobre-homem. A propaganda nazi colocava os soldados alemães na posição desse sobre-homem e segundo Peter Scholl-Latour o livro "Assim falou Zaratustra" era dado a ler aos soldados na frente de batalha, para motivar o exército.

Suas principais obras são: A origem da tragédia, Assim Falou Zaratustra, Humano, demasiado humano, O Crepúsculo dos Ídolos, Como filosofar com o Martelo, A Gaia Ciência (ou A Alegre Sabedoria), Para Além do Bem e do Mal, O Anticristo, e Genealogia da Moral. Escreveu ainda uma recolha de poemas, publicados postumamente, com o nome de "Ditirambos de Diônisos".

[\(Voltar ao índice\)](#)

INVESTIDAS CONTRA O DEUS MORAL OBSESSIVO

Entrevista com Paul Valadier

"Nietzsche só recusa uma religião que faz do homem centro de todas as coisas", observa o filósofo e jesuíta francês Paul Valadier, escritor e renomado estudioso do filósofo alemão, a quem considera um bom interlocutor para os cristãos. Pois Nietzsche, ao anunciar a morte da religião, batia-se contra "um Deus moral obsessivo". Valadier é professor de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É doutor em Teologia e em Filosofia e antigo redator da revista Études. É autor de uma vasta bibliografia. Sobre Nietzsche escreveu, entre outros livros, Nietzsche et la critique du christianisme. Paris: Cerf, 1974; Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx. Paris: Cerf, 1974; Nietzsche, l'athée de rigueur. Paris: DDB, 1989 e Nietzsche l'intempestif, Beauchesne, coll. "Le grenier à sel", Paris, 2000. Entre seus outros livros citamos La condition chrétienne, être du monde sans en être. Paris: Le Seuil, 2003, L'anarchie des valeurs. Paris: Albin Michel, 1997.. Entre suas obras publicadas em português, destacam-se: Elogio da consciência. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001; Um cristianismo de futuro: para uma nova aliança entre razão e fé. Lisboa: Instituto Piaget, 2001; e A moral em desordem: um discurso em defesa do ser humano. São Paulo: Loyola, 2003. A entrevista foi concedida por e-mail.

IHU On-Line - Que ensinamentos de Nietzsche o senhor escolhe como úteis para a travessia da contemporaneidade?

Paul Valadier - Não há dúvida nenhuma de que o pensamento de Nietzsche constitui uma referência sumamente importante em nossos dias. Compreende-se bem por quê. Após a perda de credibilidade do marxismo, ele oferece um recurso espantosamente atual para uma crítica impiedosa da modernidade: sobre o individualismo igualitarista nivelador, sobre a multiplicação das insatisfações (ressentimento do homem moderno), sobre uma liberdade sem limites que, na realidade, é uma concepção servil, e não nobre, por ter perdido o sentido da distância, sobre os Estados, monstros frios e impotentes, sobre a permanência das "vontades de crença" por meio das seitas e dos ersatz de religiões, para não falar dos fundamentalismos que dão a impressão de que se "sabe a que se ater". Mais radicalmente, ainda, sua crítica de toda forma de providencialismo, por exemplo, sob a forma do sentido da história ou do progresso, põe seu pensamento em conexão com as dúvidas surgidas junto a nossos contemporâneos diante das filosofias da história. Ele dá crédito à suspeita de mobilizações perigosas para o advento do Ideal (advento da Justiça ou do Direito, da sociedade sem classes e sem Estado, reino do progresso e da abolição da miséria...) Seu pensamento antimetafísico lhe confere, pois, muita atualidade, tanto que a desconfiança, em relação ao Ideal suspeito de entreter o niilismo e de vivenciá-lo, está vivo sob diversas formas. De maneira mais geral, a referência ao "niilismo" é uma fonte muito fecunda de interpretações de numerosos aspectos das sociedades modernas.

IHU On-Line - É possível conciliar Nietzsche e cristianismo?

Paul Valadier - Não me parece possível nem desejável “conciliar Nietzsche e o cristianismo”. Isso não é possível, porque seria ir contra as suas afirmações mais constantes e mais fundamentais; salvo deformar totalmente seu pensamento e operar “recuperações” realmente deslocadas, desrespeitosas do “pathos da distância” que exigia Nietzsche com o real, ou seja, com o pensamento de outrem. Não desejável, porque assim se procederia a esse esmagamento das diferenças que Nietzsche lastimava tanto e em que ele via um perigo da modernidade; a impossibilidade de reconhecer que se tem inimigos lhe parecia típico da mentalidade de escravo, incapaz de suportar a alteridade, sempre tentando trazê-la para si. Conciliar Nietzsche com o cristianismo consistiria, então, em dar razão a Nietzsche contra o cristianismo, pois se demonstraria que, como cristãos, nós somos incapazes de suportar a diferença, e que nós somos, então, escravos. Afirmar isso não é diabolizar Nietzsche, mas, bem ao contrário, reconhecer que, como adversário “rigoroso” do cristianismo, ele oferece ao cristão uma possibilidade de dirigir sobre si mesmo um olhar crítico, e então, de entrar eventualmente numa “metamorfose” de si, fecunda, enquanto ela lhe permite progredir em sua própria adesão ao cristianismo, livrando-se das ambigüidades ou das posições teológicas que fazem esse cristianismo perder sua credibilidade (por exemplo, um modo de fixar o homem em seu pecado para poder anunciar-lhe a salvação, o que consiste em anunciar primeiro uma “nova má”, antes e como condição da “boa nova” evangélica...). Em particular, a forte tese nietzscheana, segundo a qual foi o próprio cristianismo que provocou a “morte de Deus” (A Gaia Ciência²), deve conduzir os cristãos e as Igrejas a interrogarem-se sobre seus discursos e sobre sua prática: não apresentam eles com freqüência um Deus não crível, contribuindo, assim, para uma descrença, ou seja, para um ateísmo que eles deploram ao mesmo tempo?

IHU On-Line - No que se refere à consciência, como a visão cristã se relaciona com visão de Nietzsche?

Paul Valadier - Posto isso, é evidente que, sob diversos aspectos, Nietzsche é tributário de sua formação cristã luterana pietista e que se encontram em sua filosofia os traços de uma herança que ele não renega; ele não a retoma ou transpõe, sem estar sempre consciente de sua dívida para com o cristianismo. Em particular, a importância que ele confere à vontade provém, sem dúvida, de uma fidelidade ao seu mestre e adversário Schopenhauer, mas Nietzsche como Schopenhauer são testemunhas de uma herança tipicamente cristã, que põe a vontade no centro das considerações morais e metafísicas (como São Paulo no capítulo 7 da Epístola aos Romanos, e evidentemente Santo Agostinho). A interrogação sobre uma genealogia da consciência é característica de uma interrogação de natureza cristã: quando eu quero isto ou aquilo, o que é que eu quero realmente? Estou eu seguro de querer o bem que eu quero, ou não seriam minhas intenções traídas por pulsões mais profundas do que minha consciência clara? Nesse sentido, a genealogia da consciência moral, da qual já se encontram vestígios em Kant³, tem um nítido lugar na tradição cristã, como também a insistência na culpabilidade e na

² **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 (Publicação original em 1882) (Nota do **IHU On-Line**).

³ Immanuel Kant (1724 -1804) foi um filósofo alemão, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, um representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes. Kant é também conhecido e muito influente por causa da sua filosofia moral. Ele propôs a primeira teoria moderna da formação do sistema solar, conhecida como a hipótese Kant-Laplace. O **IHU On-Line** número 93, de 22 de março de 2004, dedicou a matéria de capa ao filósofo Kant. Também publicamos sobre ele o **Cadernos IHU Idéias** número 23, de autoria do professor Valério Rohden, sob o título **Atualidade da Filosofia Moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático**. (Nota do **IHU On-Line**)

má consciência (insistência que Nietzsche critica com razão, pois ela desemboca num fechamento da consciência sobre si mesma e numa verdadeira doença, tanto moral como psicológica).

***IHU On-Line* - A abordagem nietzscheana da moral é adequada aos tempos pós-modernos?**

Paul Valadier – Poucos filósofos modernos insistiram tanto como ele na importância dos valores para dar unidade à vontade, e na necessidade de “criá-los”, ou seja, de investir livremente nas finalidades que fixamos para nós mesmos. A “genealogia da moral” consiste em mostrar a ambigüidade de toda vontade, estirada entre servidão e nobreza, entre baixaza e grandeza, entre abandono às pulsões como um escravo e domínio de si como um artista ou um mestre. Ela não consiste numa destruição da moral em proveito da espontaneidade ou do reino do instinto, o que conduziria a uma moral de servidão, que Nietzsche sempre rejeitou com a maior força. Trazer à luz as ambigüidades da vontade moral anuncia, além disso, sob muitos aspectos, a psicanálise freudiana, sem ter sua tecnicidade. Nenhum ato da vontade pode crer-se absolutamente bom ou mau, pois pesam, sobre esta vontade, forças obscuras e mal controláveis. Em seu todo, aliás, podemos afirmar que a posição nietzscheana sobre a moral vai muito mais no sentido da dureza para consigo mesmo, da disciplina das pulsões, da dominação de si, do que no sentido do abandono às pulsões e à fantasia do arbitrário. O “super-homem” nietzscheano não é o atleta da perfeita soberania sobre si, mas aquele que chega a um domínio suficiente para ser criador; assim é o artista na posse de seus meios, ou a criança, referência essencial em Assim falava Zaratustra⁴.

***IHU On-Line* – Qual o diálogo que um cristão pode estabelecer com Nietzsche?**

Paul Valadier - Nietzsche é particularmente interessante no plano religioso. Ele não pode ser identificado com o ateísmo tranqüilo que pensa ter acabado, de uma vez por todas, com as questões últimas; ele duvida, por diversas vezes, que a queda da crença no Deus cristão não conduza a desequilíbrios graves, à perda das referências fundamentais para a vida individual e comum (niilismo). Nesse sentido, a morte de Deus não abre para uma era de tranqüilidade e para o reino da razão enfim emancipada das ilusões, mas a um mundo de catástrofes e de convulsões (cf. *A Gaia Ciência*, § 343); ele só recusa uma religião moral que faz do homem o centro de todas as coisas e por isso mesmo agrava a sua doença, ou que acaba por tornar vã a referência a Deus. É somente após a morte de Deus, de um Deus moralizado e “humano, demasiado humano”, que uma revivescência do divino será possível, escreve ele num texto póstumo. É preciso que morra o Deus moral e obsessivo, para que o dizer sim ao divino ou à eternidade volte a ser possível. Nesse sentido, bem longe de anunciar a morte da religião, Nietzsche anuncia a possibilidade de dizer um sim redentor, uma vez que a sombra do Deus moral obsessivo se tenha encoberto. É aqui que um cristão pode dialogar com ele, na base de um fundo de diferenças essenciais.

[\(Voltar ao índice\)](#)

⁴ Lisboa: Relógio d'água, 1998. (Nota do *IHU On-Line*)

BUSCANDO O CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO DAS AVALIAÇÕES

Entrevista com Scarlett Marton

*Para transitarmos na contemporaneidade Scarlett Marton, professora de filosofia na USP, considera muito útil o esforço de Nietzsche em busca de um critério de avaliação das avaliações. Pensar como ele pode ajudar-nos a fugir da exacerbação relativista pós-moderna que, às vezes, “leva a crer que tudo se equivale”. Graduada em Filosofia pela USP, a professora é mestre em Filosofia pela Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne), da França. Sua dissertação intitula-se *Pour une généalogie de la vérité - Essai sur la notion de vérité chez Friedrich Nietzsche*. Scarlett fez doutorado em Filosofia na USP, escrevendo a tese *Nietzsche, cosmologia e genealogia*. Cursou ainda livre docência na mesma instituição e pós-doutorado na École Normale Supérieure de Fontenay-Saint Cloud, da França, e na Université de Paris X (Paris-Nanterre), também da França. É autora de diversos livros, entre os quais citamos **O pensamento vivo de Nietzsche**. São Paulo: Martin Claret, 1985 (org.); e **Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy**. São Paulo: Brasiliense, 1985 (org.); **Nietzsche - uma filosofia a marteladas**. São Paulo: Brasiliense, 1991; **Nietzsche, a transvaloração dos valores**. São Paulo: Editora Moderna, 1996; **Nietzsche - das forças cósmicas aos valores humanos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000; **Extravagâncias. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial/Editora Unijuí, 2001; e **A irrecusável busca de sentido**. Cotia: Ateliê Editorial; Ijuí: Editora Unijuí. 2004.*

IHU On-Line - Qual é o legado de Nietzsche para a contemporaneidade?

Scarlett Marton - Conhecido sobretudo por filosofar a golpes de martelo, desafiar normas e destruir ídolos, este pensador, um dos mais controvertidos de nosso tempo, deixou uma obra polêmica que continua no centro do debate filosófico. Praticando a psicologia do desmascaramento, ele abala opiniões aceitas, denuncia preconceitos, desmonta estratégias. Filósofo da suspeita, ainda hoje nos leva a desconfiar de nossas crenças e convicções. Pluralista, o pensamento nietzscheano apresenta ao leitor múltiplas provocações. Dinâmico, ele propõe sempre novos desafios: a crítica contundente dos valores, que entre nós ainda vigem; os ataques virulentos à religião cristã e à moral do ressentimento, constitutivas de nossa maneira de pensar; o combate à metafísica, que devasta noções consagradas pela tradição filosófica; a desconstrução da linguagem, que subverte termos comumente empregados; a tentativa de implodir as dicotomias, que desestabiliza nossa lógica, nosso modo habitual de raciocinar. Contudo, seu desafio maior talvez consista no caráter experimental. Instigando a questionar sem trégua o termo, descarta grande quantidade de preconceitos, desmascara a falta de sentido de inúmeras convicções. Opção filosófica, o experimentalismo descarta grande quantidade de preconceitos, aponta a falta de sentido de várias convicções nossas, desobriga-nos dos princípios vãos. Subvertedor, ele convida a nos questionar; provocador, ele nos faz pensar.

IHU On-Line - Diz-se que Nietzsche introduziu uma nova maneira de filosofar? Por quê? Esse novo filosofar ainda o distingue?

Scarlett Marton - Desconfiando de todo e qualquer dogmatismo, Nietzsche avança posições para imediatamente colocá-las em questão. Pondo sob suspeita toda e qualquer certeza, antecipa idéias para fazer experimentos com o pensar. Experimentador no mais alto grau, julga ter o dever “das cem tentativas, das cem tentações da vida”. Por isso mesmo, pode ser arriscado considerar verdadeiras as suas colocações. Nem verdades na acepção da filosofia dogmática, nem opiniões no sentido do que preexiste à reflexão, as “suas verdades” possuiriam

caráter experimental. Nem verdades doutrinárias, nem meras opiniões, elas seriam temporárias; teriam validade apenas até que surgissem outras mais em consonância com o próprio movimento reflexivo.

IHU On-Line- O filósofo bateu-se contra a idéia de “referenciais fundantes”. Em que medida foi bem sucedido? A humanidade não está, cada vez mais, a buscar referenciais fundantes?

Scarlett Marton - Vivemos numa época de notáveis transformações no modo de pensar, agir e sentir. Modelos teóricos e quadros referenciais, que norteavam nossa maneira de pensar, estão em descrédito; sistemas de valores e conjuntos de normas, que orientavam nossa maneira de agir, caem em desuso; discursos e práticas, que pautavam nossa maneira de sentir, tornam-se obsoletos. Rebaixadas ao nível de opiniões, as idéias tornam-se descartáveis; frutos de atitudes descomprometidas, elas prescindem de todo lastro teórico ou vivencial. Ao privilegiar a intertextualidade às expensas das narrativas, a noção de construto às custas dos conceitos, a idéia de interpretação em detrimento do significados, o pensamento pós-moderno leva a crer que tudo se equivale. Suprimindo referentes e critérios, ele institui a máxima de que “tudo é relativo”. Nesse contexto, abrir mão do eterno parece implicar aderir ao efêmero, desistir da metafísica parece acarretar necessariamente abraçar o relativismo. Entre o relativo e o transcendente, nossa situação está longe de ser confortável. Ou advogamos princípios transcendentais e acabamos atrelados a posições dogmáticas, ou então defendemos a pluralidade de interpretações, e, embora talvez mais aparelhados para refletir sobre problemas que hoje nos atingem, corremos o risco de engrossar o discurso da pós-modernidade.

IHU On-Line - Como livrar-se da metafísica sem cair no relativismo?

Scarlett Marton - Essa é a questão que se coloca para a nossa reflexão. Se os princípios transcendentais perderam o seu poder eficiente, nem por isso se tornaram inócuos quadros referenciais que nos permitam pensar a nossa própria condição. Se a idéia de interpretação permite contestar o dogmatismo, nem por isso se faz desnecessário um critério que nos permita distinguir entre as muitas interpretações. Foi na noção de vida que Nietzsche julgou encontrar o critério de avaliação das avaliações, mas também foi na ciência de sua época que buscou subsídios para formular a sua definição. Tributário do pensamento científico do século XIX, o critério de que ele se serviu para interpretar as interpretações é de bem pouca valia para nós. Mas sua crítica à metafísica, com a idéia de fundamento, e ao dogmatismo, com a noção de verdade unívoca, ainda hoje é pertinente. Cabe a nós agora definir a que critério devemos recorrer? De que critério podemos lançar mão? Mais ainda, cabe a nós questionar em que medida a filosofia ainda tem condições de fornecer o critério necessário para distinguir as interpretações, o critério indispensável para contestar o pretensão relativismo reinante? Melhor, em que medida, hoje, a filosofia deseja propiciá-lo?

IHU On-Line - Nietzsche combateu ardorosamente o cristianismo, a quem acusava de ter arquitetado a vida depois da morte para redimir a existência e de ter fabricado Deus para validar as ações humanas. Na sua opinião, essa argumentação do filósofo ainda procede?

Scarlett Marton -Nietzsche entende o cristianismo – e também a metafísica – como uma tentativa de duplicação de mundos. Ambos inventam um outro mundo, essencial, imutável e eterno, em detrimento deste mundo em que nos encontramos aqui e agora. Entendidos nesse contexto, os ataques de Nietzsche à religião e à moral cristãs são procedentes. Pois, a seu ver,

ao invés de esperar que um poder transcendente venha redimir o homem, cabe a ele afirmar esta vida tal como ela é.

***IHU On-Line* - Nietzsche lamentou muito a ausência de interlocutores. Ele os conquistou finalmente?**

Scarlett Marton - Para desvalorizar suas idéias, há quem argumente que Nietzsche é um fenômeno episódico da história da filosofia. É fato que, durante décadas, ele foi invocado por socialistas, nazistas e fascistas; cristãos, judeus e ateus. Estudiosos e literatos, jornalistas e políticos tiveram nele um ponto de referência, atacando ou defendendo a obra, reivindicando ou exorcizando o pensamento. Fizeram dele o defensor do irracionalismo ou o fundador de uma nova seita, guru dos tempos modernos; nele viram um cristão ressentido ou o inspirador da psicanálise; tomaram-no como um pensador de direita ou o crítico da ideologia no sentido marxista da palavra. No mais das vezes, operaram recortes arbitrários nos textos, visando a satisfazer interesses imediatos. Mas intelectuais de qualidade, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, realizaram trabalhos sérios e competentes, examinando as múltiplas questões colocadas acerca e a partir da reflexão nietzscheana. Se hoje há quem afirme que não existe um retorno a Nietzsche, é porque desconhece a gama de escritos e debates que ele continua a ensejar. Assim difunde-se a imagem de Nietzsche sem escola ou seguidores, fruto de uma abordagem precipitada e cheia de prevenção. No Brasil, a presença de Nietzsche é incontestável. A repercussão de seus escritos acabou por fazer-se sentir nas mais diversas áreas: na literatura, nas artes plásticas, na música, na psicanálise, nas chamadas ciências humanas. Mas também ocorre que, durante as décadas de 1970 e 1980, Nietzsche se tornou entre nós “popular”. Foi explorado pela mídia, utilizado pelos meios de comunicação, apropriado pelo mercado editorial. Surgiram livros de divulgação das suas idéias, artigos em jornais e revistas que mencionavam a qualquer propósito palavras suas. Ainda hoje, no afã de publicar, há quem faça vir à luz escritos pouco elaborados, textos mal-acabados. Ao que parece, tornou-se imperativo escrever sobre Nietzsche – mesmo que seja apenas para dar visibilidade ao próprio trabalho. Na correspondência e nos livros, Nietzsche não se cansa de tentar compreender as razões da indiferença que o cerca. Sempre há queixas do silêncio que pesa sobre sua obra, da solidão que se apodera de sua vida. Raros amigos, escassos leitores. De sua época, só espera não-entendimento ou descaso. Acredita ter nascido póstumo; suas idéias destinam-se a um público por vir. Por cem anos, muito se escreveu sobre este filósofo tão singular e ainda não se levou a sério os desafios todos que ele propõe. Tudo leva a crer que, em certa medida, Nietzsche ainda permanece um extemporâneo.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A OBSOLESCÊNCIA DO SUJEITO UNITÁRIO

Entrevista com Alberto Onate

*“O sujeito unitário, idêntico, simples, permanente, protótipo das demais ficções erigidas pela longa tradição metafísica e cultural do ocidente, torna-se obsoleto perante as rigorosas exigências de um pensamento que procura acolher sem restrições a plenitude e a inocência do vir-a-ser”. Esta é uma das opiniões do professor Alberto Marcos Onate, do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná, Alberto Onate é mestre em Filosofia pela USP, tendo sua dissertação o título *O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica*. Onate é também doutor em Filosofia pela USP e sua tese leva o título *Entre eu e si ou a questão do humano na filosofia de Nietzsche*. O professor é autor de, entre outros livros, **O crepúsculo do sujeito em***

Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica. São Paulo: Discurso Editorial & Editora Unijuí, 2000; e Entre eu e si ou a questão do humano na filosofia de Nietzsche. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. A entrevista foi realizada por e-mail.

IHU On-Line - Qual é o principal legado de Nietzsche para a contemporaneidade?

Alberto Onate - Vários são os legados nietzscheanos à contemporaneidade: a denúncia das contradições inerentes ao cristianismo, o procedimento genealógico aplicado à moral, a crítica à cultura dominante, a ruína dos ídolos metafísicos, a justificação estética do mundo, etc. Mas a contribuição mais importante de Nietzsche para nosso tempo concerne ao questionamento dos pressupostos inerentes às várias concepções (psicológica, científica, artística, metafísica, etc) de sujeito, de eu, de pessoa. Sob a ótica severa do martelo nietzscheano, já os gregos, ainda que de maneira subliminar, estariam enredados nas malhas de um sentimento de sujeito (Subjekt-Gefühl), cujas implicações decisivas somente seriam desenvolvidas por Descartes. É ao itinerário fundante percorrido pelo filósofo francês que se dirigem os mais refinados ataques nietzscheanos. A dissipação nietzscheana dos conceitos de sujeito e de consciência se estrutura em duas perspectivas complementares: intra e extra-sistemática. Num primeiro nível, questiona-se a soberania outorgada ao processo consciente, subordinando-o aos fluxos e refluxos do dinamismo vital presente em cada formação humana de domínio, ou seja, à dimensão mais radical em que se efetiva o jogo dos instintos, sagazes forjadores de máscaras, de ficções, que se considera, a posteriori e de maneira superficial, como sendo os eus, as personalidades. A reflexividade é apenas um efeito ficcional, um subproduto ilusório da trama que liga os instintos. Inviabilizado, assim, o projeto de retorno translúcido ao eu, sucumbe também a legitimidade da tese que o substancializa: não é a coisa pensante que pensa os pensamentos, mas são os pensamentos que, enquanto resíduos da inter-relação instintiva, e no intuito de ampliarem suas esferas de atuação, inventam para si um soberano unificador e coordenador. Esvaziada a pertinência das noções de consciência e de eu, vacila também o solo teórico que sustenta todo o campo da representação, bem como de suas amplas estratificações, como expressa de modo lapidar o próprio Nietzsche no parágrafo 346 de seu livro *Gaia Ciência*: "... rimos quando encontramos 'homem e mundo' colocados lado a lado, separados pela sublime pretensão da palavrinha 'e'". O iconoclasta Nietzsche não se restringe, contudo, ao campo do sujeito metafísico; ele considera necessário ainda denunciar e suprimir os demais territórios em que se espalha o espectro fundante da subjetividade: lógica, teoria do conhecimento, psicologia, estética, práxis e, sobretudo, linguagem. Os princípios lógicos de identidade, de não-contradição e do terceiro excluído seriam meras derivações da crença do homem em sua própria unidade. A vontade exacerbada de tornar pensável tudo o que se manifesta seria resultado da consideração do homem enquanto o que é posto-na-base (subjectum), única sede na qual pode se apresentar o que é posto-diante (objectum). O intenso programa de desvelamento dos mecanismos constitutivos do existir humano (vontade, pensamento, sentimento, etc.) seria tributário de uma concepção fetichista do homem, instrumentalizada já pelas designações anima, mens, spiritu, nada mais do que ficções reguladoras nas quais meramente se anunciam complexidades insondáveis. A inteligibilidade do belo atribuída ao espectador ideal seria decorrente da apreciação exclusiva da experiência humana pelo viés apolíneo, instaurador do princípio de individuação, cujos grilhões só poderiam ser rompidos pela embriaguez dionisíaca. A consciência moral (Gewissen), que engendra a noção de pessoa e lhe imputa o peso da responsabilidade pelos seus atos, seria resultado do ideal ascético que só concebe o homem à luz do mecanismo de anatematização. A inteira necessidade de comunicação que permeia o desenrolar da história humana seria conseqüência da postulação de um sujeito lingüístico produtor das cadeias gramaticais, limite incoercível do

programa de subjetivação, fronteira que o próprio filósofo alemão vacilou em afrontar de maneira decisiva. Visando a consolidar essa empreitada dissolvente, Nietzsche encaminha-se à esfera que sustenta os pressupostos básicos da instauração do conceito de sujeito (identidade, unidade, simplicidade e continuidade), procedimento crítico que vai além das articulações internas a cada sistema filosófico criticado. Se não é mais plausível tributar o engendramento das diferentes versões da subjetividade a estritas razões de conhecimento, desde qual dimensão se pode e deve explicar o fascínio que elas exerceram e exercem sobre os filósofos? Empregando o método genealógico descobre-se que, por trás da superfície de preocupações teóricas, atuam perspectivas muito mais essenciais: a moral e a fisiologia. É do caldeirão no qual se encontram englobados os valores equivalentes à conservação do rebanho e à decadência inerente aos fracos que derivam os sortilégios e, sobretudo, os amuletos metafísicos (os mais ilustres respondendo pelo nome de alma, espírito, sujeito), encarregados de afastar os supostos malefícios do caos presente no vir-a-ser. Nessa medida, os filósofos exercem sempre, na maioria das vezes de forma deliberada, o papel de justificadores oblíquos da moral de escravos e da retração da potência, embora isso não apareça na tessitura visível de seus escritos. Cabe agora perguntar: o que sobra dessa rigorosa limpeza do terreno em que estava alicerçada a noção de subjetividade? Estariam os humanos condenados, nesse campo devastado, ao fardo de Sísifo⁵? Que caminhos trilhar diante de tão sombrio legado? Como sair desse labirinto ao qual conduz a filosofia do martelo e do crepúsculo? Assim como o Zaratustra histórico, o produtor do mais fatal dos erros, a moral, foi redimido pelo Zaratustra nietzscheano, pelo porta-voz da vida, do sofrimento e do círculo, talvez se possa encontrar na própria obra nietzscheana uma saída consistente para a situação incômoda em que ela lançou o humano, uma nova aurora e um novo instrumento filosófico. O sujeito unitário, idêntico, simples, permanente, protótipo das demais ficções erigidas pela longa tradição metafísica e cultural do ocidente, torna-se obsoleto perante as rigorosas exigências de um pensamento que procura acolher sem restrições a plenitude e a inocência do vir-a-ser. Não se trata apenas, ainda que inclua tais movimentos, de reinserir a dimensão humana no âmbito mais abrangente da natureza e/ou vice-versa, nem de alçar-se da esfera circunscrita da especularidade egocêntrica à plataforma imensurável da instintualidade corporal. Não é o puro e simples reenquadramento das relações homem-mundo, homem-homem ou homem-Deus que possibilita o salto além das determinações da subjetividade. Este só pode surgir da caducidade dos próprios pólos envolvidos na questão em favor da vigorosa plasticidade pré-dicotômica do homem-mundo entendido como horizonte de potência liberado da vingança contra o tempo. Nessa medida, liquidar a noção de sujeito significa, ipso facto, abrir-se radicalmente à questão da corporalidade como caracterizadora do humano.

IHU On-Line - Nietzsche é, por muitos, considerado metafísico. Mas o senhor sustenta que o filósofo ensina a “abrir-se ao filosofar sem metafísica”. Como isso é possível?

Alberto Onate - Esta talvez seja a questão mais candente posta à obra nietzscheana. Minha tese de doutorado, defendida na Universidade de São Paulo, em 2002, e publicada no ano

⁵ O entrevistado refere-se ao Mito de Sísifo, que conta a história de que os deuses tinham condenado Sísifo a empurrar sem descanso um rochedo até ao cume de uma montanha, de onde a pedra caía de novo, em consequência do seu peso. Tinham pensado, com alguma razão, que não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança. Essa condenação veio em função do seguinte ocorrido: um certo dia, Egina, filha de Asopo, foi raptada por Júpiter. O pai queixou-se dele a Sísifo. Este, que estava envolvido no rapto, propôs a Asopo contar-lhe o que sabia, com a condição de ele dar água à cidadela de Corinto. Por tal foi castigado nos infernos. Sísifo vê então a pedra resvalar em poucos instantes para esse mundo inferior de onde será preciso trazê-la de novo para os cimos. (Nota do *IHU On-Line*).

seguinte sob o título *Entre eu e si* ou a questão do humano na filosofia de Nietzsche⁶, tenta investigar o estatuto metafísico ou não-metafísico do pensamento nietzscheano a partir da questão do sujeito. Discuto, sobretudo, com três leituras da obra nietzscheana: a de Deleuze⁷, a de Heidegger⁸ e a de Müller-Lauter⁹, todas gravitando em torno da noção de vontade à potência (*Wille zur Macht*). Deleuze tende a atribuir um caráter não-metafísico ao pensamento nietzscheano. Evitando seja uma separação nítida entre as noções de força e de vontade à potência, seja a assimilação de ambas, advoga que a primeira significa aquilo que pode e a segunda aquilo que quer no processo de efetivação do mundo. É este direcionamento dado pelo querer que constitui o complemento, o aspecto interno do conceito de força. Tanto a quantidade quanto a qualidade das forças em relação são determinadas por esse querer interno. Ele é, como elemento diferencial e genético, o princípio que conduz a síntese das forças. Estas, por sua vez, são colocadas efetivamente em relação por obra do acaso. Ao se relacionarem, as forças se diferenciam quantitativamente segundo critérios de dominação ou de subordinação, diferenciando-se ainda qualitativamente em conformidade aos critérios de ação e de reação. Para proceder a tais distinções qualitativas no âmbito das forças, a própria vontade à potência deve operar em consonância a duas diretrizes qualitativas: afirmação e negação. Descobrir e intervir nessas duas segmentações qualitativas, das forças e da vontade à

⁶ São Paulo: Imprensa, 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

⁷ Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês, vinculado aos denominados movimentos pós-estruturalistas, categorizações que o próprio Deleuze questionava pelo que trazem, ainda, da visão e luta pelo idêntico. Suas teorias acerca da diferença e da singularidade nos desafiam a pensar em temas como rizoma, ontologia da experiência, a teoria do que fazemos, a virtualidade e a atualidade. Deleuze, assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, enfim conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outras. (Nota do *IHU On-Line*)

⁸ Martin Heidegger (1889-1976) filósofo alemão, estudou com Husserl (método fenomenológico) e Ricket (filosofia da Grécia Antiga). Entre 1910 e 1914 entra em contato com a obra de Nietzsche, Kierkegaard e Dostoiévski. Demonstra interesse por Hegel e Schelling, como também por poemas de Rilke e Tralk e as obras de Wilhelm Dilthey. Estas leituras levarão Heidegger a colocar em questão toda a orientação metafísica do pensamento ocidental. Através de sua obra *"Ser e Tempo"*, Heidegger aborda a questão do Ser através do método fenomenológico, fazendo da reflexão acerca do Ser seu ponto de partida. Este autor aponta o fato de que, através do próprio homem, é que se dá o caminho para se conhecer o Ser. O homem em sua solidão interroga-se sobre si mesmo, colocando-se em questão e refletindo sobre ele mesmo, e neste momento o Ser dá-se a conhecer. O objetivo da reflexão filosófica encontra-se no fato de que o filósofo, partindo da existência humana (*Dasein - ser-ai*), procura desvendar o ser em si mesmo. Obras publicadas: *"A Doutrina das Categorias e das Significações de Duns Scott"* (1916); *"Que é Metafísica?"*, *"Kant e o Problema da Metafísica"*, *"Sobre a Essência do Fundamento"* (1929); *"Holderlin e a Essência da Poesia"* (1936); *"Sobre a Essência da Verdade"* (1943); *"A Doutrina Platônica Da Verdade"* (1947); *"Sobre o Humanismo"* (1949); *"O Caminho do Campo"*, *"Introdução à Metafísica"* (1953); *"Que Significa Pensar?"*, *"Sobre a Experiência do Pensar"*, *"Cursos e Conferências"* (1954); *"Que é Isto - a Filosofia?"*, *"Sobre a questão do Ser"* (1956); *"Identidade e Diferença"*, *"O Princípio do Fundamento"*, *"Sendas Perdidas"* (1957); *"Serenidade"*, *"Pelos Caminhos da Linguagem"* (1959); *"Nietzsche"* (1961); *"A Questão da Coisa"*, *"A Tese de Kant Sobre o Ser"* (1963); *"A Questão do Pensar"* (1969); *"Heráclito"* (1970). (Nota do *IHU On-Line*)

⁹ Wolfgang Müller-Lauter, um dos mais importantes intelectuais alemães da atualidade, vem desenvolvendo fecundo trabalho acerca dos problemas filosóficos do homem contemporâneo. Em 1971, publicou *Nietzsche - sua filosofia dos contrários e os contrários de sua filosofia*. Atualmente, prepara a segunda edição do livro, incluindo um apêndice em que refuta, de forma cabal, a interpretação heideggeriana. Em 1972, funda os *Nietzsche Studien*, que visa a constituir um fórum internacional de debates a respeito das questões suscitadas pela filosofia nietzschiana. Desde então, é um dos editores responsáveis por essa publicação anual, que, por sua qualidade, conquistou um lugar ímpar na cena filosófica mundial. A partir de 1986, com a morte de Mazzino Montinari, passa a dirigir e coordenar os trabalhos editoriais dos fragmentos póstumos e da correspondência de Nietzsche." (Nota do *IHU On-Line*)

potência, requer o exercício sofisticado de duas tarefas respectivas: a interpretação no que tange às primeiras, tendo por resultado o diagnóstico do sentido, e a avaliação no atinente à segunda, conduzindo à ponderação dos valores. Em toda emergência de mundo coexistem forças ativas e reativas, bem como potências afirmativas e negativas. Há também, por conseguinte, duas visadas em cada emergir instantâneo: uma corrobora o elemento diferencial de que deriva esse emergir, a outra infirma tal diferença e a converte em contradição. No lance seguinte, esta segunda visada logra separar as forças ativas do que elas podem e as potências afirmativas do que elas querem. Estabelecem-se assim hierarquias diferenciadas: aquela do dominante, ativo, afirmativo, que vai até o limite de sua potência e de seu querer; aquela do dominado, reativo, negativo, que não vai ao limite de sua potência e de seu querer, tentando compensar tal lacuna mediante a contaminação da tendência afirmativa. O intercâmbio dessas hierarquias, mais especificamente da primeira à segunda, ocorre porque, além de determinar a inter-relação das forças, a vontade à potência também é por elas determinada. A leitura de Heidegger da noção de vontade à potência enquadra o pensamento de Nietzsche como metafísico. Tal leitura estende-se por vários textos específicos, compreendendo momentos distintos do prolongado itinerário cumprido pelo pensador alemão. Destacam-se aqui dois desses momentos, ambos concernentes às lições dadas durante 1936 e 1946, na Universidade de Freiburg e reunidas na obra *Nietzsche*, entendendo-se que eles cobrem o básico da leitura heideggeriana sobre o tema. O primeiro consta da exposição sobre *A vontade à potência enquanto arte*. Nesse escrito, Heidegger entende que a vontade à potência designa o caráter fundamental do ente como ente. Vontade à potência é vontade à vontade, ou seja, é o querer que quer a si próprio. A vontade, nesse sentido, aporta a si, a cada vez, a direção de seu querer e tal direção a convoca sempre a ir além de seu domínio particular, motivo pelo qual ela é vontade à potência. A arte é a estrutura mais transparente e mais conhecida da vontade à potência. Todo ente só é, na medida em que cria artisticamente a si próprio. O estado estético fundamental é a embriaguez, estado em que a força se intensifica ao máximo. Na embriaguez, cria-se, de modo pleno, a forma, ou seja, disponibiliza-se, de modo eminente, a abertura na qual os entes podem se apresentar. Ao integrar embriaguez e beleza sob a condução da lei e da medida, o grande estilo perfaz o supremo sentimento de potência. O segundo texto tem por título *A metafísica de Nietzsche*, considerando-se metafísica como “a verdade do ente enquanto tal em sua totalidade”. A vontade à potência é considerada como a essência do ente. Nietzsche pensa a vontade à potência psicologicamente, mas não segundo os moldes da psicologia tradicional. Em que sentido então? Naquele dos valores, ou seja, das perspectivas a partir das quais os complexos de potência exercitam o cálculo, o domínio e a superação. Sendo assim, pode-se dizer que a vontade à potência é o *subjectum* desse exercício valorativo, desvelando-se “enquanto a subjetividade por excelência que pensa por valores”. Subvertendo a prevalência da representação como princípio incondicionado da subjetividade, paradigma condutor da metafísica moderna, em favor do querer como puro exercício de superação, a vontade à potência se coloca como a “subjetividade incondicionada e, porque invertida, a subjetividade enfim acabada, a qual em virtude desse acabamento esgota ao mesmo tempo a essência da incondicionalidade”. Minha abordagem da obra de Nietzsche, no tocante ao enquadramento metafísico, se aproxima daquela desenvolvida por Müller-Lauter, em especial no ensaio *A doutrina da vontade à potência em Nietzsche*. O comentador alemão distingue as compreensões nietzscheanas e heideggerianas do que seja metafísica: a primeira a concebe como toda dedução do condicionado a partir do incondicionado, a segunda a entende como o questionar sobre o ente como tal e em totalidade. Müller-Lauter esforça-se por mostrar que o pensamento nietzscheano encontra-se fora do âmbito da primeira, mas se insere nos domínios da segunda, apesar de que “atrás das fachadas que ele não cessa de erigir, seu

questionamento reiterado tem por conseqüência a desagregação da metafísica”. As estratégias de leitura mobilizadas pelo comentador procuram apontar que o emprego nietzscheano de uma terminologia no singular para referir-se ao tema (a vontade à potência, o mundo, etc.) não autoriza a se considerar que, mediante ela, o filósofo estivesse afirmando unidades, identidades, universalidades, estabilidades de qualquer nível. Para o filósofo, tais condensações existiriam apenas no registro lingüístico, como signos mnemônicos de organizações instáveis ordenadas em consonância a jogos de forças sempre renovados. Ao múltiplo indiscernível, é reservado sempre o primeiro plano. Portanto, as unidades organizadas não são, apenas significam; a rigor, elas só desfrutam de qualidades relacionais, não de quantidades substanciais. Isso nos permite dizer que a preocupação de Nietzsche, ao longo de toda a sua obra, é semântica, e não metafísica.

IHU On-Line - O preceito socrático “conhece-te a ti mesmo” ainda é paradigmático. Todavia, Nietzsche o negava. A partir desse exemplo conhecido, como o senhor definiria, em traços largos, o pensamento do filósofo?

Alberto Onate - Ao invés do preceito socrático, Nietzsche adota o preceito de Píndaro: torna-te quem és (génoi hoios essí). Tal opção nietzscheana é decorrente da crítica à noção de sujeito, de que tratei na primeira pergunta. Se não há mais propriamente um sujeito, inviabiliza-se qualquer projeto de uma translucidez reflexiva. Como expressa o filósofo num de seus textos: “Não sou eu que penso os pensamentos, são os pensamentos que me pensam”. E os pensamentos já são produtos dos jogos instintivos, cuja característica é a fluidez, a indeterminação completa. A tarefa magna do humano, para dignificar sua humanidade, não é se autoconhecer, mas tornar-se o que se é. Um dos últimos escritos de Nietzsche, *Ecce Homo*¹⁰, tem por subtítulo: como alguém se torna o que é. Cumprir essa tarefa demanda uma transmutação: o humano deve converter-se em ultra-humano (Übermensch). Envolver-se na exploração dos limites que o constituem e simultaneamente esperar pelo evento de sua superação: eis a condição trágica do grande homem. Misto de decisão e de entrega, conciliadas pelo vigor da travessia que integra na justa medida engajamento e desprendimento. Condição expressa pela figura do funâmbulo que arrisca sua vida na tênue corda, merecendo por isso o amparo e o reconhecimento de Zaratustra. Além de expor-se ao perigo na difícil trajetória, o equilibrista deve resistir à importunação dos demais exemplares humanos que não se encontram à altura de sua tarefa. Se ele sucumbe aos obstáculos e torna-se um peso morto nas mãos do profeta, é porque ainda não se tornara mestre nas sendas do humano. A peregrinação de Zaratustra lhe outorga justamente tal maestria, permitindo-lhe equilibrar-se no fio abismal. Ele conquista, assim, uma disponibilidade ímpar à irrupção de sua ultrapassagem, ele confere dignidade ao declínio inexorável. Preparar-se para a catástrofe: eis o sentido do percurso zaraturiano, cujo ponto culminante se dá mediante o signo do leão ridente e do bando de pombas. Símbolos eloqüentes da hybris que enceta sua prevalência. Sob os auspícios soberanos da desmedida Zaratustra submete-se, com a chegada de seus novos animais, ao riso e ao vôo supremos. A serpente e a águia, o animal mais esperto e o mais altivo, esgotam seus périplos condutores em favor do império transbordante da alegria e da inocência. O riso do leão, como aquele do pastor que trinca a cabeça da serpente, não constitui mera tonalidade afetiva desencadeada por qualquer evento cômico. O risível, no caso, não é passível de objetificação; da mesma forma, o ato de rir não é uma propriedade entre outras de

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo. Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. (Nota do *IHU On-Line*).

um suposto sujeito alegre. Como já ocorrera na denominação inovadora gaia ciência, o que o autor pretende indicar com a adjetivação *sui generis* é a vigência de outra atitude radical perante a existência e o mundo, atitude na qual todas as dicotomias se desvanecem. A alegria e o riso que a manifesta significam, então, muito mais do que estados efêmeros, embora renováveis; eles instauram e mantêm existência e mundo enquanto tais. Alegre é a tônica do conjunto do vir-a-ser, e aquele que se aproxima da superação humana deve integrar-se a esse tom onibrangente. Mesmo os estados tristes são subsumidos no vigor da justificação intrínseca de cada instante. Isso só é possível porque a marca da finitude humana deixa de ser um peso, transmutando-se em perspectiva na qual o jogo semântico se perfaz continuamente. O finito cria soberanamente desde si a infinidade e assim alcança o máximo de júbilo, sua plena inserção no concerto mundano. Liberdade e necessidade conciliam-se na inocência. O inocente é aquele que se encontra disposto além de bem e de mal, não aquém destes, exatamente por compreender as falácias inscritas tanto na concepção da onipotência volitiva quanto naquela da aridez autômata. Se a primeira encontra seus alicerces numa sobrevalorização da subjetividade, a segunda sustenta-se numa superestimação da objetividade. Tanto uma quanto a outra se tornam, após a intervenção nietzscheana, discurso vazio cujo circuito de persuasão e de vigência encontra, enfim, seu estágio derradeiro, sua encruzilhada de esgotamento irreversível.

***IHU On-Line* - Muitas das principais idéias de Nietzsche foram expressas por meio de aforismos. Essa característica da obra não a limita pela imprecisão?**

Alberto Onate - Sem dúvida, a escrita nietzscheana privilegia o aforismo como modelo estilístico. Tal escolha, porém, não é fortuita. Em Nietzsche, conteúdo e forma do discurso filosófico são indissociáveis. Acusar o estilo aforismático nietzscheano de “impreciso” significa desconhecer o alcance de sua empreitada filosófica. Um discurso “preciso”, sistemático deriva da assunção do esquema dicotômico sujeito-objeto, justamente do qual o pensador alemão pretende se desvencilhar. Isso não significa, porém, que ele abra mão da coerência na exposição de suas idéias. A mesma avaliação que Nietzsche faz do estilo de Horácio em sua obra *Crepúsculo dos ídolos*¹¹, se aplica à compreensão do alcance dos aforismos nietzscheanos: “Esse mosaico de palavras, em que cada uma delas, como sonoridade, como lugar, como conceito, derrama sua força à direita e à esquerda e sobre o conjunto, esse minimum na extensão e no número de signos, esse maximum alcançado assim na energia dos signos”.

***IHU On-Line* - Qual é a situação dos estudos sobre Nietzsche no Brasil? Sua obra recebe a atenção merecida?**

Alberto Onate - Sobretudo na última década, os estudos sobre Nietzsche, no Brasil, tiveram um grande desenvolvimento, tanto quantitativo quanto qualitativo. Estudiosos competentes, entre os quais pode-se ressaltar Scarlett Marton¹², Oswaldo Giacóia Júnior¹³, Roberto

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos, ou como filosofar com o martelo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. (Nota do *IHU On-Line*).

¹² Conferir entrevista com Scarlett Marton logo acima, na matéria de capa da presente edição. (Nota do *IHU On-Line*)

¹³ Oswaldo Giacóia Junior, professor na Unicamp, é autor do *Cadernos IHU Idéias* n.º 20, intitulado *Sobre Técnica e Humanismo*. Esse artigo é decorrente da apresentação realizada pelo professor no evento *IHU Idéias*, de 24 de junho de 2004, que teve como tema *Limites éticos da pesquisa científica: reflexões a propósito da genética*. Oswaldo Giacóia Junior também foi o responsável pela palestra *Foucault e a arqueologia da sociedade contemporânea*, durante o Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, no dia 24 de junho de 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

Machado¹⁴, Gilvan Fogel¹⁵, Benedito Nunes¹⁶, contribuem decisivamente para este cenário favorável. Merece destaque a publicação *Cadernos Nietzsche*, ligada ao Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), que atua junto ao Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, sob a coordenação da professora Scarlett Marton. Com a periodicidade de dois números a cada ano, os *Cadernos Nietzsche* constituem um fórum privilegiado de debates em torno das múltiplas questões colocadas acerca e a partir da obra nietzscheana.

[\(Voltar ao índice\)](#)

UMA REVOLUÇÃO NA FORMA DE PENSAR

Entrevista com Vânia Dutra de Azeredo

Na opinião da professora Vânia Dutra de Azeredo, Nietzsche “revolucionou a forma de pensar no ocidente. A introdução dos conceitos de sentido e de valor inauguram uma nova forma de abordagem, a filosofia passa a ser, como afirma Deleuze, uma sintomatologia, uma semiologia. Vânia, que foi entrevistada por e-mail, é professora do Departamento de Filosofia e Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui). É graduada e mestre em Filosofia pela PUCRS e doutora em Filosofia pela USP. Sua dissertação intitula-se Elementos para uma hermenêutica do pensamento moral de Nietzsche e sua tese tem o título Da dissolução da metafísica à ética do Amor Fati. Atualmente, a professora desenvolve o projeto de pesquisa Nietzsche e a aurora de uma nova ética. Vânia Dutra é autora de, entre outros, Considerações sobre a questão da moral em Nietzsche. Ijuí: Unijui, 1995; e Nietzsche e a dissolução da moral. Ijuí: Unijui, 2003. Entre outras obras, também organizou Encontros Nietzsche. Ijuí: Unijui, 2003; e Introdução à lógica. Ijuí: Unijui, 2004.

IHU On-Line - As interpretações da obra de Nietzsche são variadas. Ele é definido por uns como metafísico e por outros como racionalista, por exemplo. Qual é o seu Nietzsche?

Vânia Dutra de Azeredo - Nosso ponto de partida é a compreensão inicial da vontade de potência como interpretação que se apresenta como âmbito de sentidos em Nietzsche. É a vontade entendida como multiplicidade de impulsos em luta permanente que introduz interpretações, mas a própria introdução da vontade de potência é uma interpretação possível dos existentes, que se coaduna e abrange as demais interpretações que lhes foram conferidas ao entender que não há outro âmbito que não o da interpretação. É por isso que apresentamos a vontade de potência como interpretar, como intérprete e como significação que se faz. Ao

¹⁴ Roberto Cabral Machado esteve na Unisinos no dia 1º de abril de 2004, fazendo a abertura do Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, evento promovido pelo IHU. O tema conduzido por ele foi *Foucault, a filosofia e a literatura*. (Nota do *IHU On-Line*).

¹⁵ Gilvan Luiz Fogel é doutor em Filosofia pela Universidade Heidelberg, da Alemanha. Atualmente é professor no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Autor de **Conhecer é criar: Um ensaio a partir de F. Nietzsche**. São Paulo: Unijui, 2003 e **Da Solidão Perfeita - Escritos de Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 1998. (Nota do *IHU On-Line*).

¹⁶ Benedito Nunes é autor de estudos sobre Mario Faustino e Clarice Lispector e de uma vasta obra. Estudioso dos pensadores alemães, sobretudo de Kant, Heidegger e Nietzsche, suas análises procuram transitar nas fronteiras entre o devaneio criador e a análise conceitual. É nesse sentido que a recepção de Benedito Nunes propõe uma dimensão lírica-existencial-crítica, única no ensaísmo brasileiro. Discute a tradição clássica em que a literatura e a filosofia estão interligadas, ora de maneira litigiosa, ora passivamente. Mostra a inseparabilidade dos princípios metafísicos com os poéticos e explica como é legitimado o diálogo. O filósofo, crítico e escritor foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará. Autor de **O Mundo de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1966. **Oswald Canibal** São Paulo: Perspectiva, 1979 e **O Crivo de Papel** São Paulo: Ática, 1999. (Nota do *IHU On-Line*).

fazê-lo, recusamos inserir Nietzsche entre os filósofos metafísicos por entender que ele realiza um deslocamento conceitual da explicação para a interpretação. Não se trata mais de uma pergunta acerca do ente em totalidade, como afirma Heidegger, sobre sua filosofia, mas da criação de seus possíveis sentidos. Tampouco da redução da filosofia de Nietzsche a uma técnica de interpretação, como entende Foucault, pois reconhecemos que Nietzsche introduz um aparato conceitual pelo qual interpreta o mundo. É isso que Nietzsche afirma, quando denuncia a crença exacerbada de um filósofo no conceito contra o afirmar de sua constante criação. Entendendo a Filosofia como uma espécie de fábrica de conceitos que expressam interpretações, Nietzsche, em nossa ótica, distancia-se da metafísica e inaugura uma outra forma de abordagem do ser como vir-a-ser, desde o sentido e o valor, como interpretação. O mundo que tem valor é o mundo da interpretação, porque se está no mundo da interpretação. Os conceitos não dizem algo acerca da realidade, essa questão nem sequer se coloca, mas exprimem perspectivas introduzidas, manifestas nos conceitos criados. A metafísica, entendida como pergunta pelo existente em sua totalidade, não se coaduna com a afirmação irrestrita das interpretações postas no curso do tempo.

IHU On-Line - A partir de Nietzsche, a Filosofia contemporânea teria recomeçado a pensar. Esta abordagem nietzscheanista ainda é válida?

Vânia Dutra de Azeredo - Efetivamente, Nietzsche revolucionou a forma de pensar no Ocidente. A introdução dos conceitos de sentido e de valor inauguram uma nova forma de abordagem, a Filosofia passa a ser, como afirma Deleuze, uma sintomatologia, uma semiologia. Trata-se da substituição da dualidade metafísica da essência/aparência, causa/efeito pela correlação entre sentido e valor. Reconhecemos que essas noções abalam as crenças metafísicas, solapam os fundamentos das construções argumentativas da tradição ao retirarem o predicativo do fenômeno e conduzi-lo à interpretação. "Não existem fenômenos morais, mas somente uma interpretação moral dos fenômenos" (*JGB/BM*, Máximas e interlúdios). Daí ser necessário determinar "quem" interpreta, quem avalia, o que quer aquele que interpreta, o que quer aquele que avalia. O querer é o avaliar, determinando, assim, aquele que avalia, ou seja, quem avalia. Inaugura-se com isso um outro modo de proceder filosófico, uma outra dimensão da Filosofia como análise sintomatológica, tipológica e genealógica. Por outro lado, se há um modo peculiar do filosofar nietzscheano, circunscrito na tríade proposta para o filósofo do futuro, há igualmente uma peculiaridade no que respeita ao tratamento desse pensador. Nietzsche recusa manifestamente o aparato conceitual da tradição e, com isso, exige um outro modo de relação com o conjunto de seus textos. Ao aniquilar os referenciais semânticos subjacentes à quase totalidade dos discursos filosóficos, exige que se redimensione a análise, a compreensão, a expressão, enfim, os modos convencionais de tratamento de um texto. Com isso, surge, de um lado, uma dificuldade na exposição conceitual de seu pensamento, e, de outro, principalmente pela recusa de predicação ao fenômeno, surge uma outra espécie de leitor, agora, então, implicado na leitura como intérprete e avaliador. De fato, essas novas formas de compreender a Filosofia e o texto filosófico permanecem atuais e válidas para se pensar Nietzsche na Contemporaneidade e a Contemporaneidade pelo aparato conceitual nietzscheano.

IHU On-Line - Qual é o legado de Nietzsche para a pós-modernidade?

Vânia Dutra de Azeredo - É preciso ter presente, com relação às intenções de Nietzsche, que ele nunca pretendeu arregimentar seguidores ou mesmo tornar-se redentor de uma possível *Ágora* extemporânea. A sua filosofia, de certo modo circunscrita na denúncia das dicotomias subjacentes ao absoluto, implica um redimensionamento dos conteúdos semânticos da

tradição, mas não requer sua inscrição como defensor de um outro conteúdo semântico. Isso fica patente em muitos de seus textos, inclusive na sua autobiografia, escrita com o intuito de prevenir usos arbitrários de seu discurso. Em *Ecce homo*, afirma: “Melhorar os homens’, eis a última coisa que eu prometeria. Não sou eu quem levantaria jamais um novo ídolo. (...) *Derrubar ídolos* (e por ídolos entendo todo o ‘ideal’) esta é primeiramente minha tarefa” (*EH/EH* Prefácio). Há de se observar nessa passagem uma recusa terminante de construção de um novo ideal, pois não se trata de substituir o conteúdo semântico da tradição por outro, mas de fazer passar pela destruição de ideais a própria recusa peremptória de uma intenção possível de vir a erigi-los. E isso torna no mínimo problemático tanto direcionar a sua crítica a uma dada filosofia, quanto fazer dela um método de desconstrução de estruturas sociais - seja qual for o predicativo da estrutura - à disposição dos oprimidos ou de massas revolucionárias. Não se quer aqui excluir o ataque direto de Nietzsche a alguns filósofos ou mesmo à vigência de organizações instituídas (Estado, Igreja, etc.) como mantenedores da decadência. Até porque Nietzsche explicita sua crítica direta tanto àqueles que denominou de livres-pensadores, trabalhadores filosóficos, quanto à propagação da incondicionalidade da obediência que tem como produto o homem domesticado. O que se quer então assinalar é o fato de a crítica nietzscheana dirigir-se ao ideal subjacente à filosofia da tradição, assim como às organizações instituídas, manifestamente expresso em seu conteúdo semântico. “A *mentira* do ideal foi até agora o anátema lançado sobre a realidade, e, assim, a humanidade mesma tornou-se mendaz e falsa até em seus instintos mais profundos” (*EH/EH* Prefácio § 2). Esse é, a nosso ver, o legado de Nietzsche, pois, ao aniquilar o sistema semântico da tradição, passou a situar as questões filosóficas no âmbito da interpretação, possibilitando redimensionar a compreensão dos existentes, do conhecimento e do agir.

***IHU On-Line* - O esforço de Nietzsche para questionar o valor dos valores pode ter contribuído para a relativização dos valores morais na contemporaneidade?**

Vânia Dutra de Azeredo - Não, Nietzsche introduziu na Filosofia os conceitos de sentido e de valor e, ao fazê-lo, permitiu que se compreendesse o mundo sob uma nova perspectiva. A visão de homem modificou-se, já que se deixou de procurar por uma natureza humana universal e passou-se a compreender o humano sob uma condição, nesse caso, como avaliador. Suas produções são valores e os próprios valores apresentam duplo aspecto: precedem avaliações e procedem de avaliações. Há de se considerar que Nietzsche realizou a crítica à moral, manifestamente, à postulação de um elemento indiferente no que concerne aos valores. Segundo ele, os estudiosos da moral que o antecederam sempre oscilaram, no tratamento dos valores, entre aquilo que valeria em si e aquilo que valeria para todos. A posição nietzscheana entende o elemento crítico como criador e, por isso, requer as condições de criação dos valores como algo que possibilite o próprio estabelecimento do valor deles. Daí a posição indiferente que se efetivaria na manutenção do dado ser objeto de crítica e, porque não dizer, ideal a ser destruído pelo “martelo”, já que a crítica, enquanto referida ao valor dos valores, configura a “filosofia a marteladas”, destruidora de idéias e ideais. Se a pergunta pelo valor dos valores remete às suas condições de criação e, por conseguinte, ao elemento diferencial de onde derivam os valores, a crítica, necessariamente, aniquila tanto aquilo que vale em si quanto aquilo que vale para todos, pois o elemento diferencial não pode referendar o em si, ou mesmo o para todos, embora possa demonstrar a impertinência de tais análises e, com isso, recusar a continuidade dessas avaliações. A recusa da posição indiferente continua presente na perspectiva nietzscheana, ainda que o olhar do ressentimento permaneça cultuando os valores em curso.

IHU On-Line - A senhora sugeriria aos dirigentes do País a leitura de Nietzsche?

Vânia Dutra de Azeredo - Recomendaria a leitura de Nietzsche para todo e qualquer dirigente, notadamente os internacionais, especialmente para que eles entendam, com base no autor, a diferença entre poder como condição e poder como representação. No primeiro caso, trata-se do estatuto do forte/nobre que se sabe forte devido à sua constituição fisiológica. Ele é expressão da saúde e vigor em exercício, já que sua força não o movimenta, mas é o mover-se e o exercer-se em atos, gestos e obras. Por isso, ele é simultaneamente artista e legislador. Ao mesmo tempo que molda as forças, da sua força se estabelece a hierarquia dos valores sem necessitar inverter o que está posto, ou simplesmente cultivar valores em curso. Por ser artista, seu exercer é um constante criar. No segundo, trata-se da prerrogativa do escravo que, incapaz de agir, precisa negar o outro para poder se afirmar, para, efetivamente, obter uma aparente afirmação de si. Ele percebe o diferente como mal. Em vista disso, precisa aniquilar o adversário, negando o outro e mostrando-se detentor do poder. Nesse caso, o poder é apenas uma representação do poder enquanto constitui o desejo e expressão do fraco/escravo, e não a manifestação de uma condição de poder que caracteriza, em Nietzsche, o nobre. Essa diferença de tipos nos permite ler determinados imperialismos sob óticas diferentes e ver em alguns tipos de "força" a manifestação iniludível da fraqueza. Quanto ao livro, sugerimos *Para a genealogia da moral*¹⁷.

IHU On-Line - A senhora gostaria de acrescentar outros comentários ao tema em questão?

Vânia Dutra de Azeredo - Gostaríamos de acrescentar que, se há um certo consenso quanto ao reconhecimento de que a vertente iconoclasta perpassa a abordagem de Nietzsche acerca do agir, existem poucas considerações referentes à sua positividade no sentido da tentativa de elaboração de uma nova perspectiva ética. Mascarado, via de regra, por sua investigação corrosiva, esse tema tem um tratamento reduzido no pensamento do filósofo. São poucos os autores que se detiveram em investigar essa questão como cerne de sua filosofia positiva. Ainda assim, consideramos ser esse o motivo condutor tanto de sua crítica veemente à moralidade quanto da introdução de seus novos conceitos. Em sua filosofia, mormente a que se inicia com *Assim falava Zaratustra*, aparece a construção de uma ética apresentada por nós com ética do *amor fati*¹⁸. Os temas que constituem a vertente positiva do seu pensamento - vontade de potência, eterno retorno e além-do-homem - inter-relacionam-se a partir da perspectiva dessa ética que requer como condicionante de sua compreensão a superação da metafísica.

[\(Voltar ao índice\)](#)

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Para a genealogia da moral**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁸ O amor fati é amor ao necessário, ao que se quis e se quererá porque se quis durante toda eternidade. Há uma citação de Nietzsche que é elucidativa: "Minha fórmula para a grandeza no homem é amor fati: não querer nada de outro modo, nem para adiante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário e menos ainda dissimulá-lo - todo idealismo é mendacidade diante do necessário - mas amá-lo..." (*Ecce Homo*, Por que sou tão esperto, § 10). (Nota da entrevista)

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

ÉTHIQUE, LA METHODE, TOMO 6, DE EDGAR MORIN. PARIS: SEUIL, 2004. 256 P.

MORIN, QUESTÃO DE METODO

Destacamos novamente o lançamento do 6º volume da obra **O Método**, de Edgar Morin. Na edição desta semana, traduzimos e reproduzimos o excelente material elaborado por Jean-Baptiste Marongiu, publicado no jornal **Libération**, em 2 de dezembro de 2004. Marongiu escreveu um artigo sobre **Ética**, o sexto e último volume da obra **O Método**, entrevistou Edgar Morin e ainda produziu uma breve biografia do sociólogo. Publicamos na 123ª edição do **IHU On-Line**, de 16 de novembro de 2004, uma resenha do referido volume, feita por Roger-Pol Droit e uma entrevista que ele realizou com o próprio Morin e publicada no jornal **Le Monde**, nas edições de 4 e 5 de novembro de 2004. O **Ciclo de Estudos sobre O Método, de Edgar Morin**, promovido pelo IHU, que terminou dia 11 de novembro de 2004, estudou e analisou os cinco volumes¹⁹. Entre os livros de Morin publicados no Brasil, citamos **A religação dos saberes. O desafio do século XXI**. São Paulo: Bertrand Brasil, 200, além dos cinco volumes de **O Método**²⁰. Este ano foi lançado na França o livro **Dialogue sur la nature humaine**, escrito por Edgar Morin e Boris Cyrulnik²¹. De Edgar Morin também publicamos duas entrevistas na edição n.º 111, de 16 de agosto de 2004.

Se «trabalhar para bem pensar é o princípio da moral», como dizia Pascal, Edgar Morin não cessou de fazê-lo, que a isso terá consagrado todo **O Método**, e não apenas **Ética**, o sexto e último tomo que acaba de completar a obra. Lançado nos anos 1970, este empreendimento (um pouco doido) açambarcou, de fato, as energias de seu autor durante um quarto de século, em vista de uma reforma do entendimento humano, tornada possível pela revolução

¹⁹ O **Ciclo de Estudos sobre O Método, de Edgar Morin** foi um evento promovido pelo IHU, que aconteceu na Unisinos, de 14 de abril a 11 de novembro de 2004. Além da análise dos cinco volumes de **O Método**, aconteceram os seminários sobre *O itinerário do pensamento de Edgar Morin*, *A Educação no Paradigma da Complexidade*, *O Direito no Paradigma da Complexidade*, *A Saúde no Paradigma da Complexidade*, *A Economia no Paradigma da Complexidade*, e *A Epistemologia no Paradigma da Complexidade*. Foram ministrantes do Ciclo os professores Prof.ª Dr.ª Maria da Conceição Xavier de Almeida (UFRN), Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho (PUCSP), Prof. Dr. Juremir Machado da Silva (PUCRS), Prof. Dr. José Roque Junges (Unisinos), Prof. Dr. Álvaro Luiz Montenegro Valls (Unisinos), Prof. Dr. Inácio Neutzling (Unisinos), Prof.ª Dr.ª Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza (PUCRS), Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (Unisinos), Prof. Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho (UFBA) e Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima (Unisinos). Durante o ano de 2005, se realizará o 2º *Ciclo de Estudos sobre "O Método", de Edgar Morin*, em Porto Alegre, no auditório da Livraria Cultura do Shopping Bourbon Country. O evento contará com a parceria da Livraria Cultura. Nele será estudado o 6º volume de **O Método**. (Nota do **IHU On-Line**).

²⁰ MORIN, Edgar. **O Método I: a natureza da natureza**. Lisboa: Europa-América, 1997; **O Método II: A Vida da Vida**. Lisboa: Publicações Europa-América LDA, 1980; **O Método III - o conhecimento do conhecimento**, Porto Alegre: Sulina, 1999; **O Método IV - as idéias**. Porto Alegre: Sulina, 1998; **O Método V: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002. (Nota do **IHU On-Line**).

²¹ Sobre Boris Cyrulnik, conferir as duas entrevistas que dele publicamos na 122ª edição do **IHU On-Line**, de 8 de novembro de 2004, páginas 23-28, sobre seu último livro **Parler d'amour au bord du gouffre** (Falar de amor à beira do abismo). (Nota do **IHU On-Line**)

epistemológica induzida pela teoria cibernética. Mas, contrariamente a Pascal, Morin sabe que Deus não existe mais e que, então, não seria demasiado maligno apostar nele para bem se conduzir, como se ele estivesse ainda nos fundamentos de um edifício ético em ruínas. Mais desesperador, ele sabe que este famoso fundamento também não será encontrado na razão humana, que, desde há muito tempo, deu provas inúmeras e conclusivas de seus dons extraordinários para o erro e o horror. Nada impede, mesmo se não haja um elo automático entre saber e dever, entre o conhecimento e a moral, nesta relação do homem consigo mesmo, que uma ética, tendo dado adeus ao fundamento, procure seu próprio fundamento. Mas, primeiramente será preciso que o indivíduo ponha fim ao seu egocentrismo solitário, reintegrando, sem tardar, a sociedade e a espécie num de seus famosos “anéis recursivos”²² que estruturam **O Método** de Edgar Morin.

Afirmar que a ética é incerta significa reconhecer a incerteza fundamental do destino humano. No entanto, a “*auto-ética*” de Morin só se funda sobre ela própria, pois ela não cessa de proclamar sua “*fé*” no amor, na compaixão, na fraternidade, no perdão, e de procurar os seus apoios no exterior dela mesma, numa antropologia e numa teoria do conhecimento, encarregadas de clarear as condições e as situações em que é requerida a decisão moral. Em ética, como em todas as coisas, nada de bom pode ser feito sem amor, mas tempera imediatamente Morin que nisso se reconhece, o amor contém em si “seus parasitas íntimos que o cegam, seu frenesi autodestruidor, seus desencadeamentos devastadores”.

Amemo-nos porque estamos todos perdidos

Os progressos dos conhecimentos não puderam, até hoje, fazer regressar a “*barbárie interior*” de um homem aparentemente incorrigível, pois é forçoso reconhecer o fracasso de toda tentativa de melhoria humana. “Os resultados históricos das morais de amor e de fraternidade foram pouco importantes, muito mais importantes têm sido os imorais desencadeamentos de ódio e de perseguição saídos das religiões de amor e de fraternidade”. Aqui e lá, alguns avanços são imediatamente contraditos por outras recaídas. Se a compreensão do estrangeiro e do estranho, pelo menos na área do individualismo ocidental, pôde dar alguns passos, a compreensão e a aceitação do próximo talvez tenham regredido. Mais grave ainda, há como que uma perda repugnante da experiência, quando “os humilhados, os odiados, as vítimas” de ontem se tornam, por sua vez, “humilhadores, odiadores,, opressores”.

Como, então, civilizar em profundidade? Não obstante os desapontamentos, é preciso apostar na compreensão de si e do outro, tomando consciência de que este imperativo se tornou planetário. No entanto, a economia liberal, que, todavia construiu as infra-estruturas, “torna impossível a formação de uma tal sociedade, já que ela inibe a constituição de um sistema jurídico, de um governo e de uma consciência comum”. A situação é muito mais angustiante, já que a tecnociência não produz só conhecimento, mas também ignorância e cegueira. Temendo o pior, Edgar Morin constata que não há piloto, nem bom nem mau, no “quadrimotor” (constituído pela ciência, pela técnica, pela economia, pela indústria), que é o atual propulsor do Planeta.

Nosso universo é imperfeito, o desastre de nosso planeta é possível e a catástrofe do humano é mesmo provável, mas há no homem, como no mundo, tantas forças de “*religação*”, como de separação. A ética deverá, então, favorecer umas e contrariar as outras, pois ela não saberá, nem se manter no justo meio, nem se entregar às religiões da salvação. Ela não diz: “*Sejamos*

²² Anel recursivo é uma noção essencial para a concepção dos processos de auto-organização e de autoprodução. Constitui um circuito em que os efeitos retroagem sobre as causas, sendo os próprios produtos produtores do que os produz. (Nota do **IHU On-Line**)

irmãos que assim seremos salvos, mas amemo-nos, porque estamos todos perdidos. Animado pelo realismo mais científico e pela utopia mais ardente, Edgar Morin construiu sua *Ética* em vista da “metamorfose” necessária da sociedade planetária, e não de uma reforma que ele julga impossível. Como o ensina *O Método*, cada indivíduo, como parte ínfima do cosmo, concentra nele o universo inteiro e uma infinita capacidade de resistência. É a única certeza que esta *Ética* partilha.

“A MEDICINA E AMOR, TODO AMOR E MEDICINA”

Entrevista a Edgar Morin feita por Jean-Baptiste Marongiu

De deslocamentos em anéis recursivos, das ciências duras às ciências humanas, Edgar Morin reuniu, num quarto de século, uma caixa de ferramentas para uma ética de nosso tempo.

Você publicou o primeiro tomo de *O Método* há vinte e sete anos. Agora aparece o sexto e último volume. Você sabia que iria desembocar numa *Ética*?

Eu redigi em continuidade o que devia ser um livro em três partes: *a Natureza da natureza, o Futuro do futuro*, e o terceiro *o Conhecimento do conhecimento*. A enormidade do texto, mais o imenso trabalho de correções, com a ajuda crítica de colaboradores competentes, me constrangeram a fazer mais volumes. Não havia *a Humanidade da humanidade*, pois eu já tratara dela em *a Natureza humana*, após um colóquio que eu havia organizado em 1972, sobre “a unidade do homem”. Mas, vinte e cinco anos mais tarde, terminado *O Método*, após novos conhecimentos, redigi *a Humanidade da humanidade*, que me impeliu a concluir com a *ética*, necessariamente complexa. Há ainda dois rascunhos no meu computador: *o futuro do futuro* e uma recapitulação última, *fim e começo*. Mas eu tenho a impressão de haver terminado.

Você seguiu um plano metódico?

Há muitos deslocamentos. No início, por exemplo, a noção de sujeito só aparece de maneira periférica no problema da relação entre o observador e a observação. A importância crescente desta noção me obrigou, de resto, a modificar o segundo tomo, *a Vida da vida*, para formular uma definição biológica do sujeito. Tive grande dificuldade em construir os meus capítulos. Quando outros já têm tudo claramente na cabeça desde o início de uma redação, meu texto se forma como uma nebulosa em espiral, em que as idéias se cristalizam progressivamente. Eu lastimo, depois que guardei diversas anotações, por não ter guardado aquelas da redação de *O Método*, que teriam esclarecido o processo de formação e de transformação de minhas idéias.

Um método é forçosamente otimista, enquanto se considera que ele ajuda a pensar melhor e que pensar melhor deveria ajudar a melhor agir.

Este era um desafio importante para mim, mas eu não estava seguro de chegar ao fim. Eu tive a sorte de o primeiro volume ter sido bem acolhido. Ele saiu em 1977, no momento em que se produziam, na França, o colapso do marxismo e o deperecimento do estruturalismo. Minhas idéias só interessam em época de crise das idéias. Depois tudo se normalizou e houve em relação aos volumes seguintes, até *a Humanidade da humanidade*, silêncio da crítica e incompreensão junto a muitos: para alguns, eu pretendia edificar um grande sistema; para outros, eu fazia vulgarização científica; para muitos, eu entrava em domínios reservados unicamente aos especialistas. Parecia que eu misturava ciência e filosofia, quando eu procurava interfecundá-las, e o objeto profundo de meu trabalho, que é o da reforma do pensamento, parecia vã aos que estão satisfeitos com sua maneira de pensar. O que me

encorajou nesta travessia do deserto foi a compreensão de espíritos dispersos um pouco por toda a parte, que tinham as mesmas insatisfações que eu. Os que me encontraram foram aqueles junto aos quais eu explicitiei o que neles estava implícito. De fato, todo espírito tem uma disposição natural para o conhecimento complexo, mas nossa educação o adestrou em sentido contrário.

Você resiste à idéia de ser sociólogo. Por quê?

Eu recuso a etiqueta, porque meus escritos são, ao mesmo tempo, sociológicos, psicológicos, históricos, antropológicos e filosóficos. Classificam-me entre os sociólogos, provavelmente porque eu fiz minha carreira na seção de sociologia no CNRS, onde eu tive a liberdade de passar por muitos lugares. De fato, *O Método* também diz respeito à Sociologia, notadamente ao tema da auto-organização (presente em Luhmann²³ de outra maneira), mas isso não é reconhecido pela maioria dos sociólogos. Eu fui marginal, quando reinava a sociologia por questionários, uma vez que privilegiei o contato direto e o método de imersão, como, por exemplo, o estudo da comuna de Plozevet; eu permaneci com a sociologia do presente e do evento. Tendo lido o manuscrito *O Acaso e a Necessidade*²⁴ de Jacques Monod, fui, em 1969, até o Instituto Salk de pesquisas biológicas de la Jolla, na Califórnia, um verdadeiro turbilhão de cultura. Eu pude me familiarizar com as idéias de Neumann²⁵, Von Foerster²⁶, Bateson²⁷... Foi assim que surgiu essa idéia do método, sem que eu soubesse ainda o que eu iria desenvolver, mas decidido a afrontar o problema da complexidade, já reconhecido por Ashby²⁸, Atlan²⁹ e

²³ Niklas Luhmann sociólogo alemão nascido em 1927 e falecido em 1998. Estudou direito em Friburgo, onde se doutorou em 1949. Em 1960 viajou aos EUA e estudou sociologia na Universidade de Harvard em Boston, que exerce uma influência significativa em seu pensamento. Em 1964 publica **Funktionen und Folgen formaler Organisation** (Duncker & Humblot, Berlin, 1964), e ingressa na Universidade de Münster, em Dortmund, onde doutorou-se em sociologia política. Em 1968 se estabelece em Bielefeld, em cuja Universidade permanecerá o resto de sua carreira como catedrático editor da revista acadêmica *Zeitschrift für Soziologie* (Stuttgart). Recebeu o prêmio Hegel em 1988. Em língua portuguesa foram publicadas as suas seguintes obras: **Legitimação pelo procedimento**. Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1980; **Sociologia do Direito**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985; **A Improbabilidade da Comunicação**. Lisboa: Vega, 1992. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁴ Jacques Monod. **O acaso e a necessidade**. Petrópolis: Vozes, 1972. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁵ **John von Neumann** (1903-1957), matemático húngaro-americano, cientista e pensador que contribuiu para um amplo espectro da ciência contemporânea. É considerado um dos mais versáteis e criativos matemáticos, o primeiro a dar um tratamento novo à Matemática Econômica. Sua obra **Theory of Games and Economic Behavior** (*Teoria dos Jogos e Conduta Econômica*. Princeton/NJ: Princeton University Press, 1944), teve papel fundamental no desenvolvimento das Ciências Sociais. (Nota do *IHU On-Line*)

²⁶ **Heinz Von Foerster** (1911-2002), biólogo austríaco e um dos arquitetos da cibernética, chamado por Edgar Morin como "Sócrates cibernético", fundou a Biocibernética para estudar os fenômenos biológicos a partir dessa nova matriz. Concebeu o processo de vida como sistema fechado para informação e aberto para a energia, destacando o papel da interação e da auto-organização. Na esteira dos estudos de Von Foerster, surgiu a teoria de Maturana & Varela e o conceito de *Autopoiesis*. (Nota do *IHU On-Line*)

²⁷ Sobre Gregory Bateson, o *IHU On-Line* publicou o artigo *Gregory Bateson, pensamento que vive*, na edição n.º 108, de 5 de julho de 2004, por ocasião do centenário de seu nascimento. Cientista, antropólogo e filósofo, Bateson nasceu em Cambridge, em 9 de maio de 1904, e morreu nos Estados Unidos, em 4 de julho de 1980. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁸ William Ross Ashby, (1903-1972) doutor e neurologista inglês, contribuiu para a consolidação da moderna cibernética e criou o primeiro homeostato (1951), dispositivo eletrônico auto-regulado por retroalimentação. Das especialidades da neurologia e da psiquiatria, ofereceu a reprodução da estrutura e dos mecanismos de funcionamento do cérebro humano em suas obras **Projeto para um cérebro** (1952) e **Introdução à cibernética** (1956). (Nota do *IHU On-Line*)

²⁹ Henri Atlan Médico e biólogo, professor em Paris e em Jerusalém, é autor de numerosos trabalhos de biologia celular, biofísica e inteligência artificial. Paralelamente, é membro do Comitê Nacional de Ética das Ciências da Vida e da Saúde. Henri Atlan, biólogo de fama internacional, conhecedor profundo de cibernética, termodinâmica e outras disciplinas, é

outros. É verdade, amigos como François Furet³⁰ me diziam: “Mas permanece sociólogo, onde começa a ser reconhecido, e não fale sobre temas que não dominas.” Minha “missão” parecia impossível, mas renunciar a ela ainda me era mais impossível.

Método da complexidade é poli, transdisciplinar

Os macroconceitos de *O Método* não parecem ser de utilização fácil no trabalho ordinário das ciências humanas. Por quê?

Numa disciplina normal que isola um fragmento de realidade, não é possível, com efeito, utilizar conceitos que religam os saberes das disciplinas. Um método da complexidade é, por essência, poli ou transdisciplinar, porque ele consiste em procurar e encontrar a maneira de religar o que está separado. Para redigir *o Homem e a morte*³¹, eu tive de estudar a humanidade arcaica, a pré-história, as religiões, a filosofia, a psicologia, a psicanálise, a antropologia, a biologia; em suma, fazer uma viagem através dos conhecimentos e reuni-los. Este método exige uma reforma do sistema educativo, permitindo uma reforma do pensamento e a reforma do pensamento exige uma reforma do sistema educativo, o que logicamente é impossível. Mas, na vida, a impossibilidade lógica é superada pela criatividade.

Você faz um grande caso da escuta poética, da função da falta na criação, da importância da aposta passional, que, em princípio, não põem em relevo um método racional.

Gerald G. Holton³² mostrou que os maiores cientistas são animados por temas obsessivos. O matemático mais abstrato é profundamente apaixonado por seus teoremas. Em suma, não há razão sem paixão, e um grande problema humano é pôr a razão na paixão. A afetividade é necessária à racionalidade, mas, sem controle por parte da razão, ela tende a tornar-se delírio.

pioneiro na descrição do ser vivo. O seu livro *Entre o cristal e a fumaça* já se tornou um clássico das ciências naturais contemporâneas. A lei de Ashby estabelece uma relação entre a variedade das possíveis perturbações a que o organismo pode sofrer e as respostas orgânicas disponíveis. Assim, a variedade das respostas orgânicas disponíveis deve ser tão alta quanto a variedade estrutural do organismo, principalmente num ambiente que seja fonte de diversas perturbações imprevisíveis. Portanto, a variedade estrutural e a plasticidade funcional do organismo são fatores indispensáveis para que ele se adapte a essas perturbações sem correr o risco de perecer precocemente. Por exemplo, o cérebro em condições normais consome somente glicose como substrato energético, contudo, em situação de jejum prolongado, quando a glicose não está disponível em quantidade suficiente, ele adquire a capacidade de consumir corpos cetônicos para suprir suas necessidades energéticas. (Nota do *IHU On-Line*)

³⁰ François Furet (1927 - 1997) historiador francês, um dos principais estudiosos da Revolução Francesa (1789). Ensinou em lycées de Compiègne (1954-1955) e em Fontainebleau (1955-1956). Entrou para a C.N.R.S. para desenvolver uma pesquisa sobre a Revolução Francesa (1956-1960). Na École des Hautes Études en Sciences Sociales (1960) foi seu presidente (1977-1985). Ativo como jornalista foi um dos fundadores (1964) da revista *Le Nouvel Observateur*. Juntou-se ao staff da Universidade de Chicago (1985), tornou-se membro do Committee on Social Thought e passou a viver entre Paris e Chicago. Interpretou o movimento francês como relação de força entre os diferentes poderes, contrariando a visão mais difundida, a de ascensão da burguesia, com a queda da aristocracia. Entre outras obras, escreveu *Penser la Révolution française* (1978), *l'Atelier de l'Histoire* (1982), *Marx et la Révolution française* (1986), *la Gauche et la Révolution au milieu du XIX siècle*. *Edgar Quinet et la question du jacobinisme 1865-1870* (1986), *la Révolution 1770-1880* (1988) e *Le Passé d'une Illusion* (1995), além de *La Monarchie républicaine*. *La Constitution de 1791* (1996) escrito com Ran Halévi. Morreu vítima de um derrame cerebral durante uma partida de tênis, em Toulouse, França. (Nota do *IHU On-Line*).

³¹ *O Homem e a Morte*, de Edgar Morin. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970. (Nota do *IHU On-Line*).

³² Gerald G. Holton é professor emérito de física e história da ciência na Universidade de Harvard. Autor de *A imaginação científica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Nota do *IHU On-Line*)

Eu mostrei em *a Identidade humana*³³ as complementaridades entre *homo sapiens* e *demens*, mas também entre *o economicus* e *mythologicus*, *faber* e *ludens*... Alguns me censuraram de ser um tanto adolescente, ou quem sabe bebê, em minha idade, quando eu apelo para o amor. Mas, eu considero realmente justo retomar a palavra de Paracelso, de que toda medicina é amor e invertê-la, dizendo que todo amor é medicina.

Com *Terra-pátria*³⁴, você redigiu um “evangelho da perdição”; em *Ética*, você se projeta nos limites do tempo. Você não está ultrapassando os limites?

O sistema solar e a própria Via Láctea estão na periferia de um universo privado de centro e destinado a uma morte provável. Eu quis pensar o destino da humanidade com este horizonte cósmico da morte. Nós continuamos a viver sob a ameaça das armas nucleares, enquanto o desenvolvimento técnico-econômico aumenta os riscos de destruição da biosfera. Nós estamos condenados a caminhar, tendo como horizonte nossa morte pessoal, a morte planetária e a morte cósmica. É na qualidade poética da vida, no amor, na comunhão, na fraternidade e na amizade que nós encontramos os recursos e o ardor para viver. O *Cântico dos cânticos*³⁵ diz, de maneira muito otimista, que o amor é forte como a morte. Quanto a mim, eu diria quase tão forte, pois ele sabe afrontar a angústia da morte.

O MESTRE ESTUDANTE

Por Jean-Baptiste Marongiu

Redobrado e exposto, sociólogo, antropólogo e filósofo, antigo comunista e avesso aos comunismos, autodidata onívoro e diretor emérito do CNRS, amigo fiel e individualista tenaz, judeu marroquino e francês irremediavelmente laicizado, embora apaixonado por mistério, desprezador do mundo tal como ele é e profeta do que ele poderia ser, Edgar Morin se tornou mestre no exercício de suas contradições, para finalmente chegar a uma obra inclassificável e, por vezes, não-atual à força de estar avançado em relação a seu tempo. Edgar Nahoum (ele se tornará Morin durante a Resistência), por pouco não morreu ao nascer, em 1921. Quando completa dez anos, é a mãe que morre. Ele jamais o admitirá, esperando durante muito tempo que ela retorne. Neste buraco negro de uma espessura lancinante, encontram sua origem, como ele o escreveu por diversas vezes, o desespero e o ceticismo, a esperança e a fé na vida. Tendo aderido ao PCF, ele entra na Resistência. Primeiro em Lyon e depois em Paris, a partir de 1943, está no movimento dos prisioneiros de guerra e dos deportados que federalizou François Mitterrand. Ali ele se aproxima de Robert Antelme, Dionys Mascolo, Marguerite Duras... Ele integra, então, sua comunidade amante da rua Saint-Benoît, no seio da qual ele vai aprender a “cultura da existência”. Além disso, com eles, ele será expulso do partido em 1951, mais ou menos na mesma fornada (ver *Autocrítica*, 1959, reeditada em 1992). Tornando-se pesquisador no CNRS, Edgar Morin troca sua precariedade social contra uma marginalidade assumida no interior de uma disciplina que desvia esse sociólogo do presente dublê dum antropólogo atraído pelo futuro. Os ritos da morte, o cinema, uma pequena comuna da Bretanha ou o rumor público são outros tantos escalões de uma carreira que faz o seu caminho. Depois, é o turbilhão dos amores e das viagens que desembocam num desafio intelectual

³³ Refere-se ao quinto volume de *O Método. A humanidade da humanidade. A identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002. pp. 117-141. (Nota do *IHU On-Line*)

³⁴ MORIN, Edgar. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995. (Nota do *IHU On-Line*)

³⁵ *Cântico dos Cânticos*, capítulo 8, versículo 6 (Nota do *IHU On-Line*)

insensato: não sabendo mais o que fazer daquilo que ele sabe, ele se põe a aprender o que ele não sabe, com o pressentimento de que um novo saber está a ponto de mudar o mundo.

Com mais de cinquenta anos, Morin mergulha no turbilhão da cultura californiana de fins dos anos 1960, iniciando-se nas três teorias que revolucionaram o conhecimento: a cibernética, de Norbert Wiener³⁶ e Gregory Bateson; a teoria da estabilização automática dos sistemas, de John Von Neumann; e a teoria da auto-organização dos viventes, de Heinz Von Foerster. Ele percebe rapidamente a possibilidade de uma metateoria da organização a partir da integração dessas três concepções que ele chama de “teoria da complexidade”. Para fazer isso, ele põe em obra **O Método**, do qual brota agora a **Ética**. Num quarto de século, ele terá construído uma antropologia, não como ciência das sociedades arcaicas, mas no sentido do século XIX: reflexão sobre o homem com base nos dados da ciência.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Teologia Pública

A IGREJA VESTIDA SOMENTE DE EVANGELHO E SANDALIAS

Entrevista com Jose Ignacio González Faus

O teólogo jesuíta espanhol José Ignacio González Faus afirma que o ideário de Igreja traçado pela **Lumen Gentium**³⁷ ainda continua inédito. “Cada dia rezo pela conversão da instituição eclesial e peço três coisas: que a Igreja seja verdadeiramente Igreja dos pobres; a profunda reforma de papado e hierarquia; e a união dos cristãos”, disse o teólogo. González Faus é professor na Faculdade de Teologia de Barcelona desde 1968. Conhecedor da América Latina, defende a aspiração popular à liberdade e à justiça. Ele é autor de inúmeros livros teológicos entre os quais destacamos **La humanidad nueva. Ensayo de cristología** (Madrid: EAPSA, 1984). Entre suas obras publicadas em português, cabe mencionar **Nenhum Bispo Imposto: S. Celestino, Papa**. São Paulo: Paulus, 1996; e **Vigários de Cristo: os Pobres na Teologia e Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Paulus, 1996. A entrevista foi concedida, por e-mail, em espanhol, e traduzida pelo **IHU On-Line**.

IHU On-Line - Qual é a principal contribuição da Constituição Lumen Gentium para a Igreja e que limites se percebem 40 anos depois nessa eclesiologia?

González Faus - Sua principal contribuição é a passagem de uma eclesiologia de “sociedade perfeita” a uma eclesiologia de comunhão. Uma comunhão à imagem da Trindade e que, portanto, não pode reduzir-se à mera “submissão” (como fazem hoje os setores mais

³⁶ **Norbert Wiener** (1894-1964). Matemático americano conhecido como fundador da cibernética. Ele criou o termo em seu livro **Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine** (MIT Press, 1948). Entre seus livros também incluem-se *The Human Use of Human Beings* (1950), *Ex-Prodigy* (1953), *I Am a Mathematician* (1956), and *God & Golem, Inc.* (1964). (Nota do **IHU On-Line**)

³⁷ Os 40 anos da **Lumen Gentium** foram lembrados pelo IHU com a realização do evento **IHU Idéias** de 25 de novembro de 2004, que contou com a explanação dos bispos eméritos Dom Frei Boaventura Kloppenburg, OFM, e Dom Frei Aloísio Lorscheider, OFM, que falaram sobre o tema *Por onde anda a eclesiologia, hoje? Limites e possibilidades depois de 40 anos da Lumen Gentium*. O debate inspirou a matéria de capa do **IHU On-Line** número 124, de 22 de novembro de 2004. O texto apresentado por Dom Boaventura na palestra de novembro deu origem ao **Caderno Teologia Pública** número 4, e o material elaborado por Dom Aloísio encontra-se disponível no sítio www.ihu.unisinos.br, clicando nas notícias diárias do dia 26 de novembro. (Nota do **IHU On-Line**).

conservadores). Aí coloca a *Lumen Gentium* que a Igreja seja para o mundo sinal de salvação (“sacramento”). E isso se reflete na recuperação da categoria de povo de Deus para definir a Igreja, e na troca de ordem entre os capítulos 2 e 3 da *Lumen Gentium*: de modo que o povo é tratado antes da hierarquia, e o “mistério da Igreja” (cap. 1º) é o mistério do povo de Deus (a comunhão, portanto). Mas, a *Lumen Gentium* não é toda a eclesiologia do Vaticano II, como logo direi. E seu outro limite é a justaposição de duas linguagens, feita para obter uma quase totalidade de votos. É um procedimento correto e evangélico, ao qual nunca recorre a facção conservadora da Igreja, mas, logo conseguiria, trabalhando na integração dessas duas linguagens.

IHU On-Line - Qual foi a tensão eclesiológica mais importante do Concílio? Que implicações têm os conceitos de “povo de Deus” e de “corpo místico de Cristo” e até que ponto a primeira imagem realmente saiu “vencedora” na *Lumen Gentium* e na eclesiologia contemporânea?

González Faus - Houve muitas tensões concretas, e eu não saberia escolher a principal: eu as englobaria todas nesta outra tensão do século I: se a Igreja haveria de ser a igreja de Paulo, ou a de São Tiago e daqueles “fariseus fanáticos” de Jerusalém, dos quais fala o livro dos Atos. A categoria povo de Deus cobra todo o seu valor não a contrapondo, senão integrando-a com a de corpo de Cristo: o verdadeiro corpo de Cristo é o povo. Se não se realiza esta integração, então o “corpo de Cristo” se converte numa nebulosa sem contornos, que serve apenas para reforçar o estamento clerical, mas não para visibilizar e seguir o Ressuscitado. Na Igreja primitiva, ela era o corpo *real* de Cristo; e a expressão “corpo místico” (misterioso) se aplicava à eucaristia. Foi uma pena que se tenham mudado as linguagens, e o qualificativo de corpo místico tenha passado à Igreja, pois, com isso, se perde o caráter real e visível do corpo que é dado pela realidade do povo. E esse corpo “misterioso” e venerável fica reduzido ao estamento eclesiástico.

IHU On-Line - É possível a democracia na Igreja? Há sinais disso? Quais são as tendências mais inovadoras da eclesiologia atual?

González Faus - A Igreja não é, em sua essência, uma democracia; mas ainda menos, muito menos, pode ser uma monarquia absoluta. Não é uma democracia, porque toda ela (começando pelos papas e bispos) está sob a Palavra de Deus. Mas, se a Igreja é uma comunhão, está obrigada a dotar-se de procedimentos democráticos em seu funcionamento, pois estes são os mais hábeis para traduzir a *koinonia* (comunhão). Com respeito às tendências mais inovadoras, eu, sem dúvida, ficaria com a eclesiologia de Yves Congar³⁸, excelente pessoa e antes de centro, de quem João Paulo II disse que havia sido um autêntico presente de Deus à sua Igreja (presente que esta desprezou olímpicamente). A Congar seria preciso acrescentar algumas investigações da exegese posterior ao concílio sobre a Igreja que Jesus queria ou que deixaram os apóstolos, etc.

IHU On-Line - O sonho da Igreja traçado há quarenta anos se realizou? Até que ponto o pontificado atual ajuda nesse sentido ou busca mais uma Igreja “corpo místico”?

³⁸ Yves Marie-Joseph Congar (1904-1995): teólogo francês conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi elevado cardeal pelo papa João Paulo II, em 1994, um ano antes da sua morte em 22 de junho de 1995, em Paris. Congar escreveu muito sobre o ecumenismo. Dedicamos a editoria Memória da 102ª edição do *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar (Nota do *IHU On-Line*).

González Faus - Eu creio que este sonho segue inédito. João Paulo II, por vir de um país comunista e totalitário, só pode conceber a Igreja como “em guerra” contra o ateísmo e necessitada do autoritarismo dos tempos de guerra. Mas, ainda mais do que ele, a cúria romana resistiu sempre a esse sonho.

IHU On-Line - A *Lumen Gentium* serve ainda de inspiração ou, 40 anos depois, deve ser pensada outra eclesiologia?

González Faus - A *Lumen Gentium* só falou da Igreja para dentro. Deve ser completada com novos sinais dos tempos. Por exemplo, o tema importantíssimo da mulher na Igreja não está na *Lumen Gentium*. Mas, sobretudo, deve completar-se com o que antes insinuei e que é a eclesiologia da *Gaudium et Spes*, a qual fala da Igreja para fora (as duas partes em que Paulo VI queria dividir o Concílio). Por desgraça, desta outra Constituição atendeu-se principalmente aos temas concretos da sociedade (guerra, economia, direitos humanos, ciências, família...), mas não à eclesiologia com que se querem abordar esses temas e que seria a tradução para fora da comunhão da *Lumen Gentium*. Permitam-me uns poucos exemplos. Uma Igreja comunhão ama de veras o mundo e, por isso, suas alegrias, suas esperanças e suas dores, sobretudo dos mais pobres, são alegrias e angústias dela (*Lumen Gentium* 1,1; quantos representantes da instituição eclesial poderiam dizer isso com verdade de sua gestão?). Uma Igreja que ama o mundo compreende que a fé não pode ser desligada das tarefas temporais, compreende que ela não tem a solução de todos os problemas, embora disponha de um Espírito que ajudará a abordá-los corretamente (nº 43). Reconhece, ademais, que recebeu muito da evolução histórica do gênero humano e que tem muito que aprender de quem nele trabalha “de toda classe ou condição” e “sejam ou não sejam crentes” (nº 44). Uma Igreja que ama assim o mundo também não porá sua esperança “em privilégios recebidos do poder civil” e inclusive “renunciará a direitos adquiridos, tão logo seu uso possa empanar a pureza de seu testemunho” (nº 76). Os exemplos poderiam seguir, mas o mais importante é compreender que a eclesiologia da *Lumen Gentium* tem que ser completada com a da *Gaudium et Spes*.

IHU On-Line - Quais são os desafios da Igreja hoje, diferentes da Igreja e do mundo de 40 anos atrás? (Aqui se querem distinguir a Europa, a América Latina, os outros continentes...).

González Faus - Em geral, creio que temos que passar de ser “princípio estruturador” de muitas sociedades a ser fermento ou grão de mostarda. Isso coincide com uma hora histórica em que parece que se vai passando em muitos lugares de um cristianismo *quantitativo* a um cristianismo mais *qualitativo* (em meu país, por exemplo, há hoje muito menos cristãos do que em minha juventude. Mas, muitos deles superam em qualidade cristã meu cristianismo de meus vinte anos). Ademais, a Igreja deve voltar os olhos ao enorme problema da miséria e injustiça no mundo, que clama ao céu e ofende a Deus gravemente. Sem que baste, para isso, fazer declarações formosas (que as fez), senão passando a compromissos práticos muito mais radicais. Na Ásia, deve voltar os olhos ao problema da convivência e colaboração com outras religiões e, em minha opinião, somente daí é que surgirá o verdadeiro diálogo religioso (o que uma vez chamei de diapraxis como pressuposto do diálogo). A África é um grande problema ingente que não cabe em duas linhas. Do tema da mulher espero que saia algo agora logo. Finalmente, a Igreja deveria recuperar a linguagem bíblica que contrapõe Deus não com o ateísmo, mas com a idolatria e denunciar os componentes idólatras, que há tanto em nosso mundo ocidental (idolatria do bezerro de ouro, revestida de ciência econômica), como em algumas sociedades religiosas (como EUA), que manipulam o Santo Nome de Deus em benefício da própria violência e do próprio poder imperial. No futuro, a identidade cristã não vai

jogar-se somente na pergunta sobre se Jesus é o Filho de Deus, mas, sobretudo, na pergunta de que Deus Jesus é filho...

IHU On-Line - Como está o ecumenismo? Como está a Teologia Bíblica, o diálogo entre fé e ciência, entre teologia e universidade?

González Faus - O ecumenismo está dolorosamente estancado por ambas as partes. A teologia pública em meu país praticamente não existe nem nas universidades públicas, nem sequer nas livrarias. Isso faz com que, muitas vezes, apareçam como teólogos alguns charlatães de boa vontade, que sabem da missa apenas a metade. O diálogo entre fé e ciência, creio, se faz muito mais individualmente, ao menos em meu país.

IHU On-Line - Que Igreja você quereria ver daqui a 20 anos? Como responderia hoje à pergunta: "Igreja, que dizes de ti mesma"?

González Faus - Cada dia rezo pela conversão da instituição eclesial e peço estas três coisas: que a Igreja seja *deveras* Igreja dos pobres; a profunda reforma, tanto do papado como da hierarquia, e a união dos cristãos. Deve ser uma dessas petições nas quais Jesus dizia que é preciso ser "importuno" e peço a todos os crentes que queiram, que se somem à minha petição. À parte disto, já publiquei certa vez um artigo ("Para uma reforma evangélica da Igreja") com dez pontos, que apareceu na Revista Latino-americana de Teologia³⁹, e logo no livro de vários autores que encontramos em Cristianismo e Justiça: *Igreja, de onde vens? Aonde vais?* Os dez pontos eu procurei extraí-los do Evangelho e história da Igreja (a qual considero como um lugar teológico), não simplesmente do progressismo ambiental. Na impossibilidade de repeti-los aqui, limitar-me-ei a um que me parece fundamental: a nomeação dos bispos e a participação das igrejas locais. A obediência ao mandato do papa São Celestino I, "a ninguém imponha um bispo contra a sua vontade" (nemini invitus detur episcopus, em latim) e daquele princípio que passou da Igreja ao direito comum: "o que afeta a todos deve ser tratado e resolvido por todos". Penso que, se o Vaticano amasse *deveras* os fiéis, procuraria dar-lhes bispos que, por fidelidade ao Evangelho e por amor a seu povo, (nunca por amor e protagonismo próprios) criasse problemas ao Vaticano. Em lugar disso, busca homens que não lhe criem problemas. É muito doloroso pensar no que sucedeu ao Cardeal Arns, na sucessão de Hélder Câmara⁴⁰ ou, em El Salvador, na sucessão de Mons. Romero: Deus meu!... Sou leitor assíduo de Santa Teresa e me agrada o interesse que tinha em que suas monjas tivessem bons confessores, não só piedosos, mas também ilustrados e expertos em acompanhar espiritualmente; agrada-me a liberdade com que descreve as qualidades de uns e os inconvenientes de outros. Mas logo penso que hoje, provavelmente, todos os confessores que Teresa de Jesus queria para suas monjas, rechaçá-los-ia o Vaticano como bispos das igrejas. E todos os que Tereza rechaçava, o Vaticano os nomearia bispos: homens tímidos, não demasiado amantes dos pobres nem dos homens, de pouca experiência espiritual cristã e com um apego fundamentalista a um sistema ideológico fora do qual não querem ver nada...

³⁹ A Revista Electrónica Latinoamericana de Teología (RELaT) é a primeira revista de Teologia hospedada na internet, desde 1993. Inspira-se nas grandes opções latino-americanas. Ainda que fundamentalmente de Teologia, incorpora também, interdisciplinarmente, artigos de análises e matérias complementares. Produz ou envia de dois a quatro artigos por mês, sem periodicidade fixa. Às vezes reproduz textos teológicos clássicos, de caráter antológico, para torná-los disponíveis na rede, a partir da "coleção" de seus textos, como uma biblioteca teológica virtual. Seu endereço é: <http://servicioskoinonia.org/relat> (Nota do *IHU On-Line*)

⁴⁰ Dedicamos a editoria Memória do *IHU On-Line* número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. (Nota do *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Alguma coisa mais a acrescentar?

González Faus - Quiçá terminemos rezando com Casaldáliga: “*Eu pecador e bispo me confesso – de sonhar com a Igreja --- vestida somente de Evangelho e sandálias*”. Amém.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Entrevista da semana

SOCIALIBILIDADE E MORALIDADE SE TORNARAM ADVERSARIAS

Publicamos a entrevista a seguir, com o psicanalista Jurandir Freire Costa, que foi veiculada na revista IstoÉ, de 15-12-04.

É devastadora a análise que o psicanalista Jurandir Freire Costa faz da elite brasileira em seu décimo livro, *O vestígio e a aura*, recém-lançado pela editora Garamond. Sobre os ombros dos poderosos pesa, no seu entender, a responsabilidade pelas principais mazelas sociais que atormentam o País, em especial a altíssima criminalidade. Não seria apenas a cruel concentração de renda que gera o crime, como se repete à exaustão, mas também a adoção de um comportamento em que “sociabilidade e moralidade se tornaram adversárias”.

Jurandir, 60 anos, não usa meias-palavras. “Destravamos o freio de uma engrenagem alucinada, que tripudia sobre séculos de ideais democráticos e humanitários, só porque alguns decidiram fazer de seus prazeres o umbigo do mundo”, escreve. Essa subordinação à moral do entretenimento levou a elite a descartar valores tradicionais, a cultivar a obsessão com o corpo, a consumir drogas sem limites.

A crise moral fez com que a autoridade fosse substituída pela celebridade. Nas telas de tevê ou nas colunas sociais desfilam personagens que são vistos com inveja, mas não com respeito, já que muitas vezes são considerados venais, levianos e corruptos. Nem a autoridade dos pais se manteve, já que estes se recusam a ser vistos como portadores de tradições. Querem ser juvenis a todo custo e ocupar o mesmo espaço dos filhos, que acabam por perder referências fundamentais.

Um dos principais pensadores brasileiros da atualidade, Jurandir diz que sua crítica não tem nada a ver com as idéias moralistas de quem quer o retorno a um passado repressor. Defende a busca do prazer, desde que isso não represente a ruptura do compromisso social. Mas afirma que a crise moral pode ser superada. “Quando fazemos a boa pergunta acabamos encontrando a solução.”

ISTOÉ – A alta criminalidade é o maior sintoma da crise moral que o senhor trata em seu livro?

Jurandir Freire Costa – Sem dúvida, sobretudo nas grandes cidades. A violência é resultado da desigualdade. Mas não existe fator pessoal nem social que tenha causa única. Desigualdade e concentração de renda sempre existiram neste país. Só posso entender que está ocorrendo algo de ordem moral que faz com que as pessoas não se submetam mais, não se organizem politicamente em torno de utopias, não pensem em encontrar outra saída a não ser a violência. E quem dá as regras da insubordinação violenta são as próprias elites. Isso choca. É diferente dos tempos da aristocracia, quando a plebe jogava pedras contra o poder, e do operariado do

século XIX, começo do XX, que tinha as idéias socialistas e ia contra o molde de vida dos privilegiados.

ISTOÉ – É o consumo de drogas que faz a elite ficar “de joelhos” diante dos miseráveis, como o senhor escreve?

Jurandir – É uma relação que vira a cultura de cabeça para baixo. Antes, quem tinha autoridade e poder não pedia a outro um meio que o tornasse feliz, como acontece agora. É uma ruptura completa. Os líderes políticos, espirituais, científicos eram fontes autônomas de satisfação. Eles detinham a chave do que as pessoas queriam. Não se pode inverter essa relação e achar que a cultura ficará em ordem. Quem sabe que monopoliza sua felicidade dá as cartas e não o respeita. Chega ao ponto de não respeitar a vida. Nos assaltos em que as pessoas são mortas, nota-se que a vida do outro é irrelevante. Que valor aquela pessoa tem para quem está com a arma na mão, a não ser o dinheiro? Nenhum. É vista como integrante de uma elite que não se respeita, que diz o tempo todo que depende daquele miserável. É encarada como alguém que vive da superexploração dos miseráveis. Essa distorção não começou com o miserável que porta a arma, mas sim com a elite que deu a norma da destruição. Não há um grupo para orientar a sociedade, buscar uma trégua. O grupo dos miseráveis e o grupo da elite querem a mesma coisa. Os dois buscam ser irresponsáveis diante da vida, gozar o quanto puderem. Não têm compromisso com os filhos e ironizam todo tipo de preocupação com o outro. Não existe guerra civil, mas acordo de matança mútua.

ISTOÉ – A elite não tem mais autoridade?

Jurandir – Poder sem autoridade é uma coisa nova na nossa cultura. Quem está embaixo não respeita mais quem está em cima e não é somente pelo consumo de drogas. Antes, a autoridade vinha de pessoas ou instituições com poder político, econômico ou social que se conduziam de forma a merecer o respeito e a admiração. Hoje, quem está no topo do poder não tem mais a admiração moral. Acredita-se que essas pessoas estão lá porque são levianas, venais, em alguns casos corruptas. É a fratura entre a base da ascensão social e a base de valores. Essas figuras inspiram ao mesmo tempo inveja e desprezo. Inveja pelas posses materiais e pelo poder social. Desprezo porque todos sabem que aquelas pessoas não têm mérito. Para chegar até lá, sobem de qualquer jeito. A cultura do espetáculo pede a exposição: aparecer independentemente do talento, do esforço e da disciplina.

ISTOÉ – O que a cultura do bem-estar, do culto ao corpo, tem a ver com essa situação?

Jurandir – Para o grupo formador de opinião, mudou o ideal de felicidade, que hoje é o bem-estar corporal, o prazer físico. Além desse ideal de felicidade sensorial, há uma idéia da vida como entretenimento. Ou seja, a pessoa deixa de pensar nas conseqüências morais do que faz. Quem compra droga simplesmente desliga o botão que avisa qual será a conseqüência disso. Parece que tudo é uma brincadeira. Multidões de pessoas que deveriam ter responsabilidade agem dessa forma. Na moral do espetáculo, o outro é sempre o responsável pelas mazelas e não eu. Eu estou corrompendo, sou venal, sou leviano, mas o que eu faço não tem nenhuma conseqüência. O que o vizinho faz com certeza terá. É uma posição típica dessa falta de compromisso.

ISTOÉ – A busca do prazer não é um direito inalienável?

Jurandir – Prazer não é incompatível com compromisso social. Ninguém aceita a visão moralista de condenação do prazer. Com razão. Mas o prazer da droga, que as pessoas estão se matando para ter, é pífilo. O prazer físico torna a pessoa dependente do aqui e do agora

porque o corpo só é estimulado por algo presente. Cria-se uma servidão diante do objeto que contrasta com o desejo de autonomia. É um prazer ilusório. Quem diz que é bom é a moral do espetáculo. O viciado em cocaína, por exemplo, passa a não sentir prazer com mais nada. Vive da angústia da próxima dose. Já o usuário social, ao colaborar com o comércio ilegal de drogas e com a marginalidade urbana, paga um preço muito caro: está se restringindo. Não pode andar com liberdade. Nem seu filho. Tem de gastar mais com mecanismos que segurem sua vida ou sua propriedade. Passa a viver numa sociedade sitiada, situação que o dinheiro dele financia.

ISTOÉ – A descriminalização das drogas resolveria esse problema?

Jurandir – Ela pode acarretar dois tipos de conseqüências. Primeiro, as pessoas começariam a usar socialmente e só alguns se tornariam adictos, como acontece com o álcool. Na segunda possibilidade, devemos levar em conta que a sociedade em que vivemos tende a consumir tudo de forma compulsiva. Nesse caso, correríamos o risco de uma catástrofe, como aconteceu com o consumo de ópio na China. É uma grande discussão e deve ser levada à frente.

ISTOÉ – Como a mídia colabora para a crise moral?

Jurandir – Um dos mecanismos é o tom de isenção com que tudo isso é apresentado. De um lado faz a campanha antidrogas e de outro apresenta um artista que faz propaganda de drogas. Tudo é igual. Há também o mecanismo de informação, que é servida às enxurradas. Isso prejudica o tempo de formação de convicção que a cultura do livro permitia. A mídia vive de moda e é importante que você não tenha convicção para que seja possível mudar a moda de hoje para amanhã. Sobretudo na cabeça das crianças e dos adolescentes. É desalentador. Se troco todos os dias de valor, não posso ter responsabilidade.

ISTOÉ – A psicanálise, principalmente nos anos 1970, teve também responsabilidade nisso, ao incentivar uma certa irresponsabilidade? Costumava-se dizer: não se culpe. A religião já lhe culpou tanto...

Jurandir – Com certeza. Foi um componente a mais a maneira como ela foi apresentada culturalmente, como foi apropriada. Parecia que era somente incentivar a pessoa a encontrar o próprio desejo e o próprio prazer. Um pouco de “irresponsabilização”, a pretexto de que as pessoas já tinham sido muito culpadas. Isso é tudo uma tolice. Não tem nada a ver com o que Freud pensava. Ele nunca imaginou a vida como uma Disneylândia. As noções fundamentais dele são as que dizem que nada existe de mais importante do que a responsabilidade do sujeito para consigo e para com o outro.

ISTOÉ – Qual seria a conduta desejável das instituições e das pessoas que detêm a autoridade?

Jurandir – Primeiro, deve haver respeito ao sofrimento e à vida do outro. Isso é básico. Segundo, com os preceitos do iluminismo, que são justiça e decência. E, depois, o direito à felicidade de cada um. Além disso, é preciso retomar a discussão da educação no nível da família e das escolas. A quantidade de pessoas apresentadas como tendo sucesso é mínima. Não vai caber todo mundo. Então, a vida dela sempre aparecerá como algo miserável, sem glamour. Se antes as pessoas almejavam ser íntegras, solidárias, honestas como foram seus pais, hoje isso parece não ter mais valor. Dizia-se que não se pode fazer qualquer coisa para subir na vida. Hoje, as pessoas fazem qualquer coisa para subir na vida e ainda são apontadas como exemplo.

ISTOÉ – O senhor detecta a “juvenilização” dos pais, que passam a disputar o mesmo espaço dos filhos.

Jurandir – Os pais se converteram a essa idéia de felicidade sensorial. Acham que viverão bem com a receita de juvenilidade, boa forma e puerilidade mental. Os próprios filhos se sentem constrangidos. Não digo que o pai deva dar a sua vida pelo filho, só que tem de integrar o filho à sua vida. Ou então não seja pai ou mãe. Se as pessoas não puderem se responsabilizar pelas novas gerações, a gente vai jogar esse mundo na lata de lixo. Se a pessoa não se dispõe a cuidar, então não tenha filhos. Isso acontece porque o pai tem vergonha de ser velho, não quer ser um ancestral.

ISTOÉ – Há esperança para quem continua a cultivar valores como solidariedade e honestidade?

Jurandir – Esses têm um valor fundamental. São a bússola. O navio pode se desgovernar aqui e ali, mas enquanto você tem isso há esperança de seguir o bom caminho. Essas pessoas não podem ser silenciadas nem podemos desacreditar da importância delas. Quando elas são silenciadas, sabemos o horror que é. Quando elas desacreditam, decretam o fim da cultura. No espaço cultural houve isso. Roma acabou em um dia. Há figuras públicas que mantêm esses valores. Há também o pai que batalha e tem coragem de se impor ao filho, para que depois o filho agradeça. Essa resistência cotidiana me agrada muito mais. É preciso que essas pessoas saibam que fazem diferença quando realizam bem o seu trabalho, que a sua honestidade é um valor, que essa crença constrói um país. Não podemos deixar que se desesperem e digam que nada adianta. Do outro lado há o deboche, o cinismo. Mas no final o resultado dessa resistência vale a pena. Basta pensar que japoneses, alemães, italianos e outros europeus carregaram pedra depois da Segunda Guerra Mundial e estão aí de novo. Se eles fizeram aquilo, a gente também pode fazer. Por que não?

[\(Voltar ao índice\)](#)

Artigo da semana

O OUTRO DA RELIGIÃO

*Traduzimos e publicamos o artigo “O outro da religião” de Reyes Mate, professor e pesquisador do Instituto de Filosofia de Madrid. Reyes Mate estudou em Paris, Roma, Münster e Madrid. Foi diretor do Instituto de Filosofia de 1990 a 1998. Pertence ao Conseil Scientifique du Collège International de Philosophie de Paris. Tem uma vasta obra publicada. O artigo foi publicado pelo jornal espanhol **El País**, 8-12-04 e discute a importância da religião numa sociedade pós-religiosa. É um texto que reproduz uma importante discussão na contemporaneidade.*

Primeiro foi o divórcio, logo depois, a guerra de catecismo, o aborto, e agora o casamento de homossexuais: a Igreja Católica se faz notícia em declarações beligerantes contra o governo atual que não teriam maior importância se não fosse porque são lidas como receios contra a democracia. Depois de tantos anos, não parece que se tenha avançado em algo tão elementar como no fato de, numa sociedade plural, a moral da convivência ter que ser laica, isto é, neutra sob o ponto de vista religioso. O catolicismo e a laicidade têm, atrás de si, uma longa história de confrontação, tingida de sangue, de um e outro lado. Aos livre-pensadores, no início, lhes

ocorreu a mesma sorte dos clérigos durante a revolução: pagaram com sua vida por não marcharem no mesmo ritmo do tempo. A famosa homilia do cardeal Tarancón⁴¹, quando da coroação do rei Juan Carlos, simboliza a reconciliação da Igreja Católica espanhola com a versão política da laicidade, isto é, com a democracia, mas, nem então nem agora, esteve disposta a conceder que essa laicidade também afeta os valores públicos que devem reger a convivência. Isso explicaria as críticas periódicas da Igreja contra o poder cada vez que este se mete na legislação de assuntos morais com uma perspectiva não-confessional.

Este duelo pode ter resultados fatídicos para a religião, e não, como pensam os bispos, porque cada nova conquista laica supõe um retrocesso da influência católica, mas porque os defensores de valores religiosos, com a obsessão numa guerra perdida – a autonomia na ordem moral e o político não tem volta -, não são capazes de ver o lugar onde, hoje, mais do que nunca, se está fazendo visível o interesse pela religião.

Não me refiro a esta “volta do religioso” que se produz cada vez que alguém proclama muito alto a assertiva da “morte de Deus”, proclama que fica imediatamente desautorizada com fenômenos, como, por exemplo, os fundamentalismos cristãos, tipo Bush, ou islâmicos, tipo Bin Laden, mas a percepção de que todo o programa de secularização ou de laicização não conseguiu dissolver o núcleo do religioso que alguns chamam “o humanamente divino” e outros “o absoluto terrestre”. Esse núcleo irreduzível à autonomia do homem tem a ver com a persistência de valores absolutos pelos quais as pessoas estão dispostas a morrer, isto é, a sacrificar a própria autonomia. Como explicar a autoridade desses valores superiores à vida?, se perguntava recentemente o jornal **Le Monde**, a propósito de um intenso debate que mantém dois filósofos franceses, ambos agnósticos, o politólogo Marcel Gauchet⁴² e o ex-ministro da educação Luc Ferry⁴³. Os dois estão de acordo que essa persistência de um valor absoluto é uma herança da religião e o debate que eles travam é sobre se se deve reconhecer uma estrutura religiosa do homem ou se trata de um excesso histórico que o homem adulto pode metabolizar em algo natural. Aqui o religioso não vem pela mão da religião ou das igrejas, mas do próprio homem.

Se se discute tão apaixonadamente em lugares laicos não é porque se jogue ali o prestígio ou o lugar das igrejas ou do próprio Deus, mas o do homem. O homem, por mais autônomo que seja, e a política, por mais democrática que queira ser, têm carências tão importantes, como, por exemplo, não serem capazes de fabricar valores, mas somente recebê-los. Como diz Gauchet, “a autonomia é a fabricação de leis que estão a serviço dos valores”, mas não cria valores tão democráticos como a liberdade, a igualdade ou a fraternidade. Esses já estão aí e deles falavam as religiões. Fica para trás a ingenuidade de tantos laicistas que vêem a solução do problema da religião no relegá-la à sacristia. A palavra de ordem: “a religião é um assunto privado”, segue sendo válida num ponto – certamente, o mais decisivo -, a saber, que a

⁴¹ Enrique Tarancón foi o cardeal arcebispo de Madrid na época da transição do regime franquista para a democracia. Desempenhou um papel importante e fundamental neste processo. (Nota do **IHU On-Line**)

⁴² Marcel Gauchet é autor do importante livro **Le désenchantement du monde**. Paris: Gallimard. 1985. Também é dele o recente **La condition historique**. Paris: Stock, 2003, importante livro que não foi traduzido para o português. Reyes Mate se refere, no entanto, ao livro de Marcel Gauchet e Luc Ferry, **Le religieux après la religion** (O religioso após a religião). Paris: Grasset. 2004. Este livro está circulando pelo IHU e será tema de discussão no próximo número do **IHU On-Line**. (Nota do **IHU On-Line**).

⁴³ Conferir Luc Ferry, **O que é uma vida bem-sucedida**. São Paulo: Difel, 2004. Com André Comte-Sponville escreveu **A sabedoria dos modernos**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Nota do **IHU On-Line**).

legitimação do poder político está no povo, e não em Deus, mas a religião segue tendo algo a dizer em dois pontos cruciais do homem moderno: no tipo de homem que queremos ser e se é possível construir outro mundo. Quando escritores alemães, como Enzensberger, Walzer ou Sloterdijk, advogam por acabar com o humanismo que herdamos porque tornou o homem infeliz, carregando-o com o peso da responsabilidade pelo mal no mundo, estão pensando em jogar para debaixo do tapete os direitos humanos, considerados como “o último resto da cultura cristã”. Manter o tipo de homem que conhecemos, esse que pergunta, uma e outra vez na vida, sobre o que deve fazer, o que pode conhecer ou o que lhe cabe esperar; esse homem, o mesmo que, frente às vítimas de Auschwitz, reconhece que tem que se responsabilizar pelo mal que causa ao homem, esse tipo de homem não pode pensar-se, nem manter-se à margem do religioso. Ao menos, deveríamos discuti-lo se, por acaso, isso fosse possível.

Mas não só o religioso joga um papel na ordem antropológica; também na ordem política. Não, certamente, na ordem das leis da política, mas na dos valores que lhe dão conteúdo. Não é alheio a este convencimento o fato verdadeiramente surpreendente da proliferação de livros políticos, não teológicos, sobre Paulo de Tarso: o do francês Badiou⁴⁴, o do italiano Agamben⁴⁵, o do alemão Taubes⁴⁶ ou os escritos do checo Zizek⁴⁷. Consideram Paulo como fundador do cristianismo e, portanto, referência obrigatória para a compreensão do Ocidente. Tendo em vista a facilidade com que países ocidentais traduzem valores universais dos que são portadores – direitos humanos ou democracia, hoje; cristianismo, ontem – por imposições violentas, veja-se o Iraque, há pensadores que se voltam para uma espécie de depósito inesgotável de sentido, como é a tradição judaico-cristã, para repensar uma universalidade que não seja excludente, uma tradição na que o forasteiro não seja o bárbaro, mas alguém “como de casa”. E aí está Paulo, judeu de origem, que dá forma a um novo povo eleito, o cristão, mas que sabe muito bem que o novo povo deve tudo à parte que fica de fora, o povo judeu. Colocar o excluído no centro de gravidade de uma política ou de uma ética é a única maneira de pensar um todo sem exclusões. Também se fazem a Paulo perguntas sobre a relação entre conservação e revolução ou entre liberdade e lei.

Como se pode compreender, o que está em jogo é algo mais que uma benevolente cultura religiosa que permita às novas gerações compreender **O enterro do conde Orgaz** ou **A Divina Comédia**. Trata-se de saber se, para defender um tipo de homem ou a possibilidade de outro mundo, a religião é ou não relevante. A resposta a esta pergunta não pode ser dada por um governo, nem depende de decisões do parlamento, nem será o resultado de negociações entre o presidente Zapatero e o cardeal Rouco⁴⁸. A resposta consistirá em argumentos concretos e a

⁴⁴ Conferir Alain BADIOU, *Saint Paul. La fondation de l'universalisme*. Paris: PUF, 1997. (Nota do *IHU On-Line*).

⁴⁵ Cf. Giorgio AGAMBEN, *Il tempo che resta. Un commento all'Lettera ai Romani*. Torino: Bollati Boringhieri, 2000. Sobre Giorgio Agamben, conferir o *IHU On-Line* número 126, de 6 de dezembro de 2004, a resenha do seu livro **Estado de Exceção**, recentemente editado no Brasil. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴⁶ Jacob TAUBES, *La théologie politique de Paul. Schmitt, Benjamin, Nietzsche et Freud*. Paris: Seuil. 1999. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴⁷ Reyes Mate grafa erradamente o nome de Slavoj Zizek. Ele não é checo, mas esloveno. O filósofo Slavoj Zizek é professor do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, Iugoslávia. Entre outros livros, é autor de **Eles Não Sabem O Que Fazem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992; **O Mais Sublime dos Históricos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991 e **Bem-Vindo ao Deserto do Real!**. São Paulo: **Boitempo**, 2003. Dele publicamos um artigo na 91ª edição, de 8 de março de 2004. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴⁸ José Luis Rodríguez Zapatero é o atual primeiro-ministro da Espanha e Antonio María Rouco Varela é o atual cardeal-arcebispo de Madrid. (Nota do *IHU On-Line*).

dará quem os tenha. O que não se compreende é que quem mais sabe de religião – as igrejas – seja quem menos contribui com esta tarefa e que quem mais se ocupa do homem pelo homem – os *filhos do século*, como diz Benjamin – dê por fechada este caminho de significações.

Parece que os espanhóis estamos condenados em assuntos de religião, como dizia aquele bispo, a “tratá-los a pau”. Mas cabe imaginar as coisas de outro modo. O filósofo alemão Jürgen Habermas, pouco suspeito de veleidades misticadoras, escreveu uma vez o seguinte: “Nossos modernos conceitos de vida autêntica, de autonomia, de socialização e individualização, de tempo e historicidade, de finitude e emancipação, de êxito e fracasso, de práxis política, de dignidade humana, etecétera, em absoluto são conceitos gregos, mas que se devem mais à tradição judaico-cristã que à filosófica”. Ele está falando desses famosos valores ‘ocidentais’ – que vêm do Oriente – e que certamente são defendidos por aqueles que discutem a propósito do casamento gay.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Análise de Conjuntura

MERCOSUL NUNCA PASSOU DE CARICATURA

Por Gilberto Dupas

*Na semana em que se reúne novamente, em Ouro Preto, MG, a cúpula do Mercosul, e levando em conta os problemas na sua implementação, trazemos a contribuição da reflexão de Gilberto Dupas, coordenador-geral do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional da USP e presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais e autor, entre outros livros, de Renda, Consumo e Crescimento, da Publifolha. O artigo foi publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 12-12-04.*

A América Latina tem sofrido na carne as perversas conseqüências da globalização dos mercados e das finanças, que foram agravadas pela marcha acelerada da abertura econômica. Ela constrangeu progressivamente o poder dos Estados nacionais, subordinando-os a metas monetárias rígidas e condicionando seriamente seus programas sociais.

A contínua geração de “novos pobres” tem criado uma onda de emigração sem precedentes e uma deterioração das classes médias, com as altas taxas de desigualdade afetando toda a sociedade, reduzindo a poupança nacional e o tamanho do mercado doméstico, impossibilitando a produção em escala adequada e contribuindo para um clima de desconfiança e desequilíbrio social.

A intensa disputa por investimentos internacionais leva nossos países a baixar cada vez mais os custos dos seus fatores de produção para atrair partes das cadeias produtivas das corporações transnacionais, progressivamente levadas para a Ásia. Governos e opinião pública vão se transformando em meros espectadores, refugiando-se em retóricas e contribuindo para o enfraquecimento da legitimação democrática.

Esse é um campo aberto para o populismo e para arremedos de democracia, tão recorrentes na América Latina. Está caracterizado, pois, um impasse para o qual o discurso hegemônico das instituições internacionais e das nações centrais não dá mais conta.

Diante dele, que caminhos podem ser propostos para a América do Sul? Trata-se de manter uma dura lucidez sobre as lógicas e as forças em jogo; e, dentro dos estreitos limites que essa relação de forças permite, retomar políticas públicas autárquicas que amenizem um pouco os efeitos negativos desse novo jogo global. Isso implica, entre outras medidas, a permanente busca de adição de valor à produção local mediante o desenvolvimento de padrões tecnológicos originais e a contínua melhora de eficiência operacional e da oferta de emprego.

No entanto, diante do tamanho das assimetrias e das forças negativas geradas pelo jogo de mercado, essas medidas são de viabilização complexa. O caminho pode ser muito facilitado por uma vigorosa estratégia transnacional de cooperação, que ainda está para ser feita. O Mercosul, nossa mais importante experiência, nunca passou de uma caricatura limitada a acordos comerciais tímidos e repletos de exceções. Ele se deteriorou a partir de 1999 com as crises e instabilidades cambiais de Brasil e Argentina, parceiros que detêm 97% do PIB do bloco e cujo comércio regrediu atualmente ao velho padrão minimalista de especialidades. Os conflitos entre os quatro países multiplicam-se tanto nas regras comerciais quanto nas posições políticas que exigem o mínimo de alinhamento, como pode ser dramaticamente constatado com as divergências sobre o indicado para a Diretoria Geral da OMC ou sobre o Conselho de Segurança das Nações Unidas.

No entanto, a América do Sul, com seus 360 milhões de habitantes e quase 1 trilhão de dólares de PIB, concentra uma massa crítica de população significativa do mercado mundial, seja como consumo, seja como mão-de-obra. Mas cada um dos seus países isoladamente terá sempre um poder restrito e estará facilmente exposto à armadilha da especialização competitiva e da guerra de preços relativos, tão a gosto da lógica das corporações transnacionais. Juntos, no entanto, eles poderiam ter boas chances de conduzir termos de barganha mais favoráveis e valorizar suas complementaridades e sinergias.

Mas, para que um arranjo transnacional dessas proporções seja eficaz, nossos países terão que ousar caminhar para políticas macroeconômicas comuns e decisões estratégicas amplas, profundamente comprometidas com uma visão transnacional, como o fez a União Européia. Isso significa aceitar ceder de fato na soberania nacional tradicional em benefício de todos e praticar um ativo "toma-lá-dá-cá" no campo das concessões que permita consolidar condições de exercício comum de algum poder global, minimamente compatível com o tamanho das forças em jogo.

Uma União Sul-Americana sinergizada

A única utopia adequada à reaglutinação de forças dessa região é apostar por sobre os escombros do Mercosul numa União Sul-Americana sinergizada por abrangentes projetos comuns de infra-estrutura. É preciso disponibilidade para abrir mão de falsas soberanias em nome de uma nova força negociadora com as corporações e o capital global. Esses projetos, a partir de zonas de interesse efetivo, inclusive do setor privado, como aconteceu na Europa em torno da Comunidade do Carvão e do Aço, devem centrar-se numa visão de crescimento auto-sustentado para a região amazônica, numa rota eficiente que ligue o Pacífico ao Atlântico e num acordo energético de grandes proporções. Uma União Sul-Americana aos moldes da União Européia seria uma base concreta de negociação com os atores econômicos globais. As dificuldades são intensas, mas sozinhos nossos países estarão mais entregues às vagas perversas do mar global.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais⁴⁹

Salários minguaram para 35% do PIB

A participação relativa dos rendimentos dos trabalhadores no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro sofreu uma queda de praticamente dez pontos percentuais no período de dez anos. É o que se constata ao examinar os números das contas nacionais calculadas pelo IBGE. Em 1993, o rendimento dos empregados correspondia a 45,1% do valor total do produto. Em 2003, essa participação havia encolhido para 35,6%. No mesmo período, o excedente operacional bruto das empresas cresceu de 35,4% para 43% do PIB. A notícia foi publicada pelo jornal **Valor**, 6-12-04. “Na riqueza gerada, o salário perdeu participação e, de uma certa maneira, uma parte disso passou para as empresas. Houve uma transferência de renda”, afirmou Carlos Sobral, gerente da Coordenação de Contas Nacionais do IBGE.

Queda da renda ajudou a promover saldo comercial

Dados compilados pelo Banco Central mostram que a expansão do saldo comercial desde o início da flutuação do real, em 1999, foi fortemente apoiada na redução do valor dos salários em dólar - e a produtividade das empresas, em vez de ajudar, acabou pesando desfavoravelmente na competitividade brasileira. A notícia foi publicada pelo jornal **Valor**, 6-12-04. Os números revelam que, a despeito da recente valorização da moeda nacional, a rentabilidade dos exportadores em outubro passado era 47,11% maior do que em dezembro de 1998, um mês antes do fim do regime de câmbio fixo. “É fato que a desvalorização provocou queda no salário relativo”, afirma o diretor-executivo do Instituto de Estudos para o desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Sérgio Gomes de Almeida. “É obvio que seria bem melhor que a rentabilidade do exportador se apoiasse em aumento de produtividade, e não em redução de salários em dólares”, afirma Gomes de Almeida.

Dois terços das maiores companhias já foram fraudadas por funcionários

Pesquisa feita pela KPMG com mil empresas com faturamento entre R\$ 250 milhões e R\$ 3 bi mostra que 69% delas já foram alvo de fraude, ato que tem como seu principal protagonista o funcionário. E mais da metade das companhias, ou 55%, acredita que a tendência futura de fraude é crescente. A notícia é do jornal **Valor**, 6-12-04. Cheques e documentos falsificados, roubos e notas frias são os mecanismos mais utilizados para as falsificações. Na maior parte dos casos (83%), esses e outros instrumentos de adulteração levam a perdas de até R\$ 1 milhão, mas para outros 12% leva a prejuízos de R\$ 1 milhão a R\$ 5 milhões. E, em 49% dos casos, as empresas relatam não terem conseguido reaver seus recursos. “A fraude existe há muito tempo, mas agora as empresas estão mais preocupadas com ela porque não se pode viver num mundo assim”, afirma José Paulo Rocha, sócio da área de finanças corporativas da Deloitte. As três formas mais comuns de fraude, segundo Rocha, são a distorção de informações financeiras, a apropriação de ativos e a entrada de terceiros, que visam beneficiar alguém.

Revista *Études* tem novo diretor

Após nove anos como diretor da revista *Études*, Henri Madellin, entregou o cargo para Pierre de Charentenay. A revista *Études*, com 14 mil exemplares mensais, foi fundada em 1856. Ela

⁴⁹ Fontes consultadas na elaboração do boletim desta semana. **Nacionais:** Folha de S. Paulo, Valor, O Globo, Jornal do Brasil; Veja; IstoÉ; **Internacionais:** da Espanha: El País; da França: Libération e Le Monde; de Portugal: Público; da Argentina: Clarín e Página 12; da Itália: Il Manifesto; do México: La Jornada.

completará 150 anos de circulação em 2006. Segundo o jornal francês **Le Monde**, 3-12-04, trata-se de uma das mais velhas revistas francesas. A revista é da Companhia de Jesus. Henri Madellin esteve aqui na Unisinos participando do *Simpósio Internacional "O Ensino Social da Igreja e a Globalização"*, quando foi lançado e criado o Instituto Humanitas Unisinos - IHU. O novo diretor, Pierre de Charentenay, foi professor de Sociologia e Relações Internacionais no Institut Catholique de Paris, presidente do Centro Sèvres, que reúne as faculdades de teologia e filosofia dos jesuítas franceses, e ultimamente trabalhava em Bruxelas, na Ocipe.

Cena brasileira

Do blog do Ricardo Noblat:

"Um amigo meu viu hoje no Diário Oficial uma aquisição interessante da direção do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Ela comprou um carro de representação por R\$ 151 mil. Fuçando no site do TST, descobrem-se as exigências do tribunal para o bólido: 195 cavalos, câmbio automático, CD player com controle no volante, bancos de couro, faróis com desligamento automático, entre outros mimos e itens obrigatórios num veículo desse porte.

Curiosidade: apenas uma empresa compareceu ao pregão (124/2004), a Smaff. Claro que os ministros do TST não precisam rodar num fusca, mas 151 mil paus me parecem exagero - ainda mais numa corte que vive reclamando da falta de grana, inclusive para acabar sua malfadada sede nova.

40% da população brasileira com renda familiar inferior a R\$5

40% da população brasileira vive hoje com renda familiar per capita inferior a R\$ 5 por dia, o que não dá para cobrir despesas como alimentação, transporte, moradia, educação e saúde. O dado consta no trabalho "Crescimento e Pobreza", de Marcelo Medeiros, pesquisador do Ipea, segundo publica Vera Saavedra Durão na sua coluna publicada no jornal **Valor**, 6-12-04. Nesse cenário, realça o economista do Ipea, o fundamental não é saber se o crescimento econômico é capaz de erradicar a pobreza, mas quanto crescimento será preciso para se chegar lá. "Quando há muita pobreza, pode ser preciso crescer muito para que ela deixe de existir", observa. Nos próximos 20 anos, se o Brasil reproduzir o crescimento das duas décadas passadas, a proporção de pobres ainda abarcará 25% da população. Para o país ter uma proporção de pobres inferior a 15%, o que ainda é muito, será preciso repetir o milagre econômico da década de 1970, época em que o País chegou a crescer em torno de 10% ao ano chama a atenção Medeiros.

A doença do Brasil é social

Para o pesquisador do Ipea, o termo "milagre" dá uma boa idéia da tarefa hercúlea que espera os governos atuais e futuros se optarem por erradicar a pobreza via PIB. Medeiros conclui em seu trabalho que o crescimento, sozinho, não será suficiente para desatar o "nó górdio" da desigualdade brasileira. Uma retomada do crescimento no curto prazo, como a que estamos presenciando, não terá efeitos distributivos relevantes, como os dados do PIB de 2003 divulgados pelo IBGE comprovam: a participação da renda do trabalho no PIB encolheu de 45% para 35% entre 1993 e 2003, enquanto o excedente das empresas saltou de 35% para 43%. Ou seja, o PIB evidencia perdedores e ganhadores e joga por terra a utopia de que no crescimento pobres e ricos ganham. Enfim, como já afirmava Celso Furtado, recentemente falecido, "a doença do Brasil é social".

Produtividade agrícola cortou emprego, aponta OIT

A produtividade do trabalhador brasileiro sofreu um atraso com a expansão de apenas 12% em dez anos (1992-2001), comparados a 73% na China e 35% no Chile, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Essa situação, aponta o organismo, afeta as chances de se criar emprego decente e reduzir a pobreza no país. A notícia está publicada no jornal **Valor**, 8-12-04. Na agricultura, maior sucesso comercial do país, houve um salto de 65,3% na produtividade, mas ela foi acompanhada de uma perda de emprego de 14,9%, na mesma comparação, e tampouco ajudou a combater a pobreza no país. Afetado por sucessivas crises na década de 90, o Brasil teve ainda assim um ganho de produtividade maior do que a média mundial, de 10,9%, e sobretudo maior do que o da América Latina, de 1,2%, mas registrou aumento da "enorme diferença" de riqueza por habitante.

OIT. 186 milhões de desempregados no mundo

A OIT lançou na semana passada o relatório mundial sobre o emprego, no qual revela que, globalmente, havia 185,9 milhões de desempregados no mundo em 2003. Mas metade dos que trabalham, cerca de 1,4 bilhão de pessoas, não tem um emprego decente. Estão mergulhadas na miséria, com apenas US\$ 2 por dia para sobreviver. Os dados foram publicados pelo jornal **Valor**, 8-12-04. A organização destaca que, como grande parte dos pobres do planeta trabalha, estes não são pobres porque não têm atividade econômica, mas sim porque essa atividade é insuficientemente produtiva, e não conduz à melhora salarial para cobrir necessidades de educação, saúde, etc.

Vergonha!

"Vergüenza" é o título do principal editorial de 10-12-04, do jornal espanhol **El País**. "Dois informes de respeitados organismos da ONU, a Organização para a Agricultura e a Alimentação - FAO - e o Fundo para a Infância (Unicef), acabam de proporcionar dados aterradores sobre o panorama alimentar mundial e a situação da infância mais desfavorecida no mundo", inicia o editorial. E continua: "O número de pessoas que passam fome é de 852 milhões (9 milhões nos países industrializados) e 5 milhões de crianças que morrem, anualmente, por falta de comida. Mas chega a 1 bilhão o número de crianças que vivem acossadas pela miséria, a guerra e a Aids, com perigo direto para suas vidas". Isto é uma vergonha para a sociedade contemporânea, segundo o jornal.

Bom Natal

"Buon Natale" é a manchete principal do jornal italiano **Il Manifesto**, 9-12-04. A notícia de primeira página do jornal afirma: "A fome e a má nutrição matam cada ano cinco milhões de crianças e custam aos países em desenvolvimento bilhões de dólares em termos de perda de renda nacional e produtividade": esta é a denúncia do relatório anual da FAO sobre a fome neste mundo, mundo 'globalizado', das guerras preventivas e da grande quantidade de mercadorias expostas para serem consumidas nas ceias de fim de ano".

Uma criança morre de fome no mundo a cada 5 segundos

Uma criança morre de fome no mundo a cada cinco segundos, concluiu relatório anual da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) divulgado na semana passada. Ao todo, são ao menos 5 milhões de crianças famintas mortas por ano. Intitulado "Estado da Insegurança Alimentar no Mundo 2004" (SOFI, na sigla em inglês), o relatório estima ainda que fome e desnutrição custam de US\$ 500 milhões e US\$ 1 trilhão, incluindo

neste cálculo custos como perda de produtividade, renda, investimento e consumo. A informação foi publicada nos jornais **El País**, **Folha de S. Paulo** e **O Globo**, 9-12-04. A FAO avalia que o mundo fez pouco progresso no combate à fome desde que assumiu, em 1996, o compromisso de cortar pela metade o número de pessoas famintas no mundo até 2015.

Combater a fome é possível. E com custo pequeno

Para a FAO, os recursos necessários para combater a fome são pequenos em comparação com os custos. A FAO afirma que, com apenas US\$ 25 milhões por ano, seria possível reduzir drasticamente a desnutrição nos 15 países com os piores resultados na África e na América Latina e salvar 900 mil crianças da morte até 2015. Para medir a fome, a FAO considera a ingestão calórica, a quantidade de comida disponível e as desigualdades no acesso aos estoques de alimento. “O mundo está se tornando cada vez mais rico e produzindo cada vez mais comida”, disse Hartwig de Haen, o diretor-geral-adjunto da FAO. “O problema é o acesso das pessoas a trabalho, recursos, terra e dinheiro para comprar comida”. “É possível que a comunidade internacional não tenha compreendido totalmente os benefícios econômicos que teriam com investimentos na redução da fome”, avaliou De Haen. “Já se sabe o suficiente sobre como erradicar a fome e agora é hora de aproveitar o momento para esse objetivo. É uma questão de vontade política e de prioridade”, afirmou. A informação é do jornal **Folha de S. Paulo**, 9-12-04 e do jornal **El País**, 10-12-04.

Brasil responde por 3% de todas as emissões de gases-estufa

A divulgação do inventário de emissões de gases-estufa feita na semana passada pelo governo revelou que o desmatamento e a agropecuária são os responsáveis pela maior parte das emissões brasileiras de gases que provocam o aquecimento anormal da atmosfera. Os resultados, aguardados havia pelo menos quatro anos, mostram que o Brasil sozinho responde por 3% de todas as emissões de gases-estufa no mundo. A notícia está publicada nos jornais **Folha de S. Paulo** e **O Globo**, 9-12-04. O desmatamento, segundo os dados, é o principal responsável pela emissão de CO₂ (dióxido de carbono, ou gás carbônico), o principal gás causador do aquecimento. Somente no ano de 1994, o Brasil emitiu na atmosfera 1,03 bilhão de toneladas do gás. A agropecuária - especialmente a flatulência do rebanho bovino nacional - responde pela a maioria das emissões de CH₄ (metano), que em 1994 chegaram a 12,3 milhões de toneladas. O relatório mostra que as mudanças no uso da terra e das florestas - entre elas o desmatamento, principalmente na Amazônia - foram responsáveis por 77% das emissões de CO₂ em 1994; os processos industriais e energia ficaram com 23%. Das emissões de metano no mesmo período, 77% vêm da agropecuária. O gado também foi responsável por 92% das emissões de N₂O (óxido nitroso).

Somente 20% do Orçamento é gasto pelo Executivo federal

Até o dia 12 de novembro, segundo dados do Siafi (sistema de acompanhamentos dos gastos públicos), o Executivo federal havia gasto apenas 19,4% do dinheiro autorizado pelo Orçamento para investimentos, segundo informa o jornal **Folha de S. Paulo**, 10-12-04.

A era da globalização e a utopia comunista de Marx

A utopia comunista de Karl Marx vai realizar-se na era da globalização. A opinião, um tanto quanto provocativa, é do **Libération**, 10-11-04. Segundo do jornal francês, “um novo tipo de revolução cultural se desenrola no mundo virtual da Internet”. Trata-se do movimento da *open source* - a idéia de uma Internet livre, que confunde-se com as origens do UNIX e da cultura *Hacker*. Esse movimento, diz o **Libération**, “dissemina nas redes seus programas livres,

gratuitos, sem direitos de reprodução, e o mínimo de publicidade”. Trata-se de um movimento que continua desconhecido do grande público. Mas - diz o jornal - “é uma onda que ganha força junto a todos aqueles que surfam no oceano virtual”.

Blogs: um contra-poder

O jornal francês **Libération** de hoje, 11-12-04, publica uma longa reportagem sobre o fenômeno dos blogs. Para Florence Le Cam, que pesquisa sobre os blogs de informação na Universidade de Laval, no Canadá, “os blogs de informação começaram a adquirir popularidade desde a guerra no Iraque. Estas autopublicações enriqueceram a informação graças a um tratamento alternativo e provocaram dois tipos de reação: uma, entusiasta, vendo neles uma verdadeira democratização da informação, outra, mais circunspecta, temendo uma grande confusão em razão do seu caráter não profissional destes sítios”.

Blogs. Jornalismo participativo

Segundo a pesquisadora canadense, “os blogs podem agir como um contra-poder, não político, pois sua caixa de ressonância é ainda muito fraca, mas no interior do campo midiático. Neste sentido, é uma nova forma de jornalismo participativo ou open source que encoraja a troca de informações, graças à possibilidade de deixar as mensagens nos espaços de comentários abertos. O animador de um blog termina mesmo por ocupar um lugar secundário, enquanto que seus leitores são muitos seus pares, eles mesmos “blogueiros”, jornalistas, experts etc. É talvez este aspecto de “co-construção” da informação que dá aos blogs o seu lado de permanente vigilância”.

Blogs. A autoregeneração permanente

“Os blogs vivem com a atualidade que os nutre e morrem, em geral, quando sua temática acaba ou deixa de ser importante. Outros tomam o seu lugar, numa espécie de autoregeneração permanente”, afirma Florence Le Cam na entrevista publicada pelo jornal **Libération**, 11-12-04. E continua: “Isso, longe de ser uma fraqueza, o caráter de efêmero e espontâneo dá um vigor editorial particular a estas publicações”.

Empregadores bloqueiam acesso ao Orkut

Rede de relacionamentos, possível ferramenta de trabalho, canal de entretenimento ou mero vício? Enquanto se discute quais são as possibilidades do Orkut, muitas empresas já optaram por vetar o acesso dos funcionários ao site durante o horário de trabalho. Ao lado de outros “inimigos da produtividade” como o MSN, as salas de bate-papo e os sites de busca de emprego, o endereço www.orkut.com está na lista dos barrados pelos filtros de controle das centrais tecnológicas. A reportagem sob o título acima é do jornal **Folha de S. Paulo**, 12-12-04. “Vicia”, justifica Alessandro Magnolo, 26, assessor técnico e comercial da Alkallis Brasil (tecnologia). Há quatro meses, sua equipe foi avisada de que o monitoramento à navegação na internet também contra-indicaria o acesso ao site de relacionamentos. O monitoramento do uso da internet durante o expediente pelo empregador é uma prática legal, desde que seja de conhecimento dos funcionários.

Dois Terços dos Europeus Consideram-se Religiosos

Apesar de dois em cada três europeus acreditarem num Deus, os habitantes do Velho Continente não são freqüentadores assíduos das igrejas, já que 25 por cento admite que nunca lá põe os pés. Num inquérito publicado na sexta-feira pelo diário *Wall Street Journal*, verifica-se

que os mais religiosos são os romenos, enquanto que os checos são os mais ateus. A notícia está publicada, hoje, no jornal português **Público**, 12-12-04.

A religião é mais forte entre as mulheres do que entre os homens (72 por cento contra 63) da Europa Ocidental. De igual forma, aqueles que habitam nas áreas rurais são mais crentes do que os urbanos, uma divisão fortemente pronunciada na Hungria, Áustria e República Checa. Em todos os países inquiridos, mais pessoas acima dos 50 anos acreditavam num Deus do que aqueles com menos de 30 anos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

A esquerda. O que é?

"Infelizmente, a esquerda brasileira está desarticulada e não desempenha bem as sua função original, de acionar a luta por uma sociedade justa. Esta situação não mudará na próxima década". – **Francisco de Oliveira**, sociólogo – **Veja**, 5-12-04.

"Proponho a adoção pela esquerda da 'agathotopia' em oposição à utopia, uma idéia do economista James Meade; em vez de almejar igualdade total, ela deve lutar por uma sociedade em que não haja grandes disparidades". – **Eduardo Suplicy**, senador – PT/SP – **Veja**, 15-12-04.

"A velha esquerda que lutava pela igualdade morreu. A que surgiu em seu lugar deve brigar pelo fim dos muros que separam os excluídos dos incluídos na sociedade moderna". – **Cristovam Buarque**, senador – PT/DF – **Veja**, 15-12-04.

"A diferença em relação à direita é que nós da esquerda fazemos o mesmo com dor no coração". – **Jacques Delors**, ministro das finanças do governo de F. Mitterand – **Veja**, 15-12-04.

Governo Lula: Delfim Netto feliz. Já a Cut...

"Se não foi percebida a geração de mais de 2 milhões de empregos em 11 meses, se não foram percebidas 6,5 milhões de pessoas participando do programa Fome Zero, se não foi percebida a aprovação do Estatuto do Idoso que estava há 14 anos parado no Congresso Nacional, se não foi percebido o crescimento econômico de 5,3% quando todos os especialistas imaginavam que a gente não ia crescer mais que 3%, eu não sei quando vai perceber". - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Globo**, 9-12-04.

"Como se vê, o Brasil melhorou - e muito! É ridículo supor que os resultados são produto da política econômica de FHC! Que "política"? Terá o PSDB inventado essa política? Claramente, não! Ela foi imposta ao país pelo FMI quando, às vésperas da reeleição (1998), o Brasil estava quebrado e foi buscar US\$ 41 bilhões. A política original do PSDB foi o desastre que arruinou até o brilhante Plano Real em 1995/1998". - **Delfim Netto**, deputado federal – PP/SP, comparando a octaéride de FHC e os dois anos governos Lula - **Folha de S. Paulo**, 8-12-04.

"Aparentemente há nos palácios de Brasília o dom da criação da blindagem contra os anseios do povo". – **Luís Marinho**, presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Luiz Marinho, **Valor**, 8-12-04.

Vergonha!

“1 bilhão e 400 milhões não ganham nem dois dólares diários”. - manchete de primeira página do jornal mexicano **La Jornada**, 8-12-04.

Lula. Presidente pela vontade de Deus

“Deus quis que eu pudesse viver e ser presidente da República de meu país”. - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República – **Folha de S. Paulo**, 10-12-04.

“Se eu tivesse que morrer daqui a cinco minutos, já teria valido a pena ter sido presidente de meu país e já teria valido acreditar na integração como forma de fortalecer os países da América do Sul”. – **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República – **Folha de S. Paulo**, 10-12-04.

As feridas da terra

“Chegou o momento de reconhecer a idéia de que o desenvolvimento sustentável, a democracia e a paz são indivisíveis”. – **Wangari Maathai**, prêmio Nobel da Paz deste ano – **El País**, 11-12-04.

“A indústria e as instituições internacionais devem compreender que a justiça econômica, a equidade e a integridade ecológica valem mais que os lucros a qualquer custo”. - **Wangari Maathai**, prêmio Nobel da Paz deste ano – **El País**, 11-12-04.

“Atualmente nos defrontamos com o desafio que requer uma mudança na nossa forma de pensar. Devemos ajudar a terra a curar as suas feridas e, da mesma maneira, curar nossas próprias feridas”. – **Wangari Maathai**, prêmio Nobel da Paz deste ano – **El País**, 11-12-04.

Soberania do consumidor? Uma fraude!

“Essa é uma fraude muito propagada, inclusive no ambiente universitário. Ela nasce da tendência a silenciar sobre o poder de controle do marketing. O “consumidor soberano” na verdade é tutelado sem cessar pelos altamente qualificados mandarins da propaganda. Que ninguém se engane: não importa o número de gráficos sobre o poder de escolha do público que os economistas produzam, o fato é que atribuímos ao consumidor uma autoridade maior do que a que ele realmente possui”. - **John Kenneth Galbraith**, economista – **Veja**, 15-12-04.

O rock pode mudar o mundo

“Mesmo que não tenha poderes políticos, o roqueiro entra no pequeno mundo que existe na cabeça de seus fãs e pode incentivá-los a sair de casa e mudar o que está errado ao seu redor.” – **Bono Vox**, líder do grupo U2 – **Veja**, 15-12-04.

Rock mudou a maneira de fazer caridade

“O rock mudou a maneira de fazer caridade”. – **Bono Vox**, líder do grupo U2 – **Veja**, 15-12-04.

“Não fosse pelo rock, eu não teria a crença de que posso melhorar o planeta em que vivo, e jamais teria chegado aonde cheguei. Ele tem sido a trilha sonora das grandes mudanças, da queda do Muro de Berlim à luta pelo fim do apartheid na África do Sul”. – **Bono Vox**, líder do grupo U2 – **Veja**, 15-12-04.

Obs. As editorias *Deu nos Jornais* e *Frases da Semana* sintetizam a atualização diária da página www.ihu.unisinos.br. Esta atualização é feita diariamente em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade OFICINAS E MINICURSOS DO SEGUNDO DIA

De 16 a 19 de maio se realizará, na Unisinos, o *Simpósio Internacional Terra habitável: um desafio para a humanidade*. O simpósio celebra a memória do centenário do nascimento de Balduino Rambo (1905-2005), do cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin e o centenário do “annus mirabilis” de Einstein.

Veja a seguir a programação das oficinas que serão oferecidas no segundo dia do Simpósio:

- Desenvolvimento sustentável do Brasil. Limites e possibilidades - Prof. Dr. Marcel Bursztyrn - UNB
- Estratégias das organizações e complexidade - Prof. Dr. Luiz Paulo Bignetti - Unisinos
- A vida de Einstein - episódios marcantes - Prof. Dr. Carlos Alberto dos Santos - UFRGS
- Einstein e a física quântica - Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio - Unisinos
- Água no século XXI - Prof. Dr. Leonardo Maltchik - Unisinos
- Epistemologia e direito - Prof. Dr. Tércio Sampaio Ferraz Júnior - USP

Além das oficinas acima, estão programados os seguintes minicursos:

- Teilhard de Chardin: uma leitura pós-moderna do cosmos? - Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori - Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - BH
- Ética para a natureza e ética naturalizada - Prof. Dr. Adriano Naves de Brito - Unisinos
- Propaganda e imagens da terra produzindo discursos éticos e curriculares - Prof.^a Dr.^a Cecília Irene Osowski e MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos
- Cidades Sustentáveis: o direito história e à memória - Prof.^a Dr.^a Marinina Gruska Benevides - Universidade Estadual do Ceará - UECE
- Princípios básicos para o reconhecimento de problemas ambientais - Prof. MS Paulo Fernando de Almeida Saul - Unisinos
- Como o planeta terra se tornou habitável - Prof. Dr. Luiz Henrique Ronchi - Unisinos
- Educação universitária para um futuro sustentável - Prof. Dr. Theodor Agostinho Peters Filho e Prof. Dr. Ailton Pinto Alves Filho - Unifei
- Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A Teologia ecológica de Jürgen Moltmann - Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves - PUC Campinas
- A terra artificial: invólucros ecológicos sociais - Prof.^a Dr.^a Ana Luisa Vietti Bitencourt e Prof.^a MS Olga Collinet Heredia - Unisinos
- Produção e Consumo Sustentáveis - Prof.^a MS Monique Revillion Dinato e Prof. Dr. Luís Felipe Nascimento - UFRGS
- Conservação de biomas naturais, biodiversidade da herpetofauna associada e sua relação com o desenvolvimento humano - Prof.^a Dr.^a Clarice Hofstadler Deiques - Unisinos

Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade

UNIVERSIDADES E CENTROS DE PESQUISA COM PRESENÇA CONFIRMADA

Já está confirmada a participação do Simpósio das seguintes universidades e centros de pesquisa: PUC-Rio; Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - RJ; UFRJ; UFMG; Universidade Católica de Goiás - UCG; UFRGS; Pontifícia Universidad Javeriana - Colômbia; CIENTEC/RS; PUCRS; Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - BH; CIAS/IBRADES - Brasília; Universidade de Paris-Sul; UNB; USP; Universidade Estadual do Ceará - UECE; PUC Campinas; Universität Luzern - Suíça; AS-PTA - PR; FEEVALE - Novo Hamburgo e FURG - Rio Grande-RS.

Conceito e missão da teologia em Karl Rahner

No centenário de nascimento de Karl Rahner, um dos mais importantes teólogos do século XX, os **Cadernos Teologia Pública** estão publicando o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes, professor de Teologia na PUCRS. Segundo o autor, “o objetivo do presente artigo consiste em apresentar uma leitura de alguns textos de Karl Rahner, relativos ao conceito, estrutura, caráter e método da Teologia. São textos que se destacam de sua grande produção e a acompanham pelos diferentes estágios de sua realização”. Os textos abordados são, principalmente, um memorando de 1943, uma publicação sobre reforma dos estudos de Teologia, em 1968, e os artigos recolhidos nos *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), seguindo uma divisão cronológica em três períodos: 1) Até 1962, início do Concílio Vaticano II; 2) 1962-1975, Concílio Vaticano II até a conclusão do *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé) até o seu discurso nos festejos antecipados por ocasião de seus 80 anos e a carta ao Cardeal Landázuri, de Lima, já nos últimos dias de vida.

O artigo se divide em três grandes partes:

- 1.- Primeiro período (1943-1962)
- 2.- O Período pós-conciliar (1966-1975)
 - 2.1.- A reforma dos estudos de Teologia
 - 2.2.- Teologia e Filosofia
 - 2.3.- O futuro da Teologia
 - 2.4.- O método da Teologia
- 3.- Terceiro período (1976-1984)
 - 3.1.- A Teologia na universidade
 - 3.2.- O pluralismo da Teologia e unidade de fé
 - 3.3.- Teologia a partir da experiência

Conclusão

IHU em Porto Alegre em 2005

A partir do ano que vem, 2005, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU – estará promovendo três ciclos de estudos em Porto Alegre. O primeiro ciclo, que inicia no dia 9 de março de 2005, denomina-se **Ciclo de Estudos sobre “O Método” de Edgar Morin**. Ele se divide em três momentos. O primeiro momento, de seis sessões, será dedicado à leitura e debate dos seis volumes que compõem a obra magna de Edgar Morin, O Método. O segundo momento, de três sessões, constitui-se na reflexão sobre o paradigma da complexidade em diferentes áreas do saber: educação, saúde e direito. O terceiro momento, de uma sessão, refletirá sobre o impacto do paradigma da complexidade na contemporaneidade do fazer científico. O ciclo vai até o dia 30 de novembro de 2005.

O segundo evento é o **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. O ciclo visa à leitura, à releitura e ao debate de obras clássicas sobre a formação socioeconômica, política e cultural brasileira. Ele está organizado em dois momentos: o primeiro está focalizado no estudo da escravidão brasileira, ou seja, qual foi o impacto da escravidão na formação brasileira? O segundo momento, debaterá a formação brasileira a partir de diversos textos literários, como Erico Veríssimo, Antônio Cândido, Euclides da Cunha e outros. O Ciclo inicia no dia 13 de abril de 2005 e termina no dia 23 de novembro de 2005.

O terceiro evento é o **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. Ele inicia no dia 16 de março de 2005 e termina no dia 9 de novembro de 2005.

Este ciclo tem por finalidade o estudo das obras clássicas da Economia, procurando analisar a possibilidade de uma economia ética e socialmente regulada. No ciclo, serão lidas e debatidas obras de autores, como Adam Smith, Ricardo, Malthus, Veblen, Marx, Schumpeter, Marshall, Weber, entre outros. O ciclo se desenvolverá em oito encontros.

Os três ciclos serão realizados na Livraria Cultura no Shopping Bourbon Country, em Porto Alegre. Eles são uma parceria da Unisinos com a Livraria Cultura. Os ciclos realizarão sempre às quartas-feiras, das 19h30min às 21h30min.

Serão três as modalidades de participação:

1ª - inscrição em cada ciclo como todo. Atendendo a obrigatoriedade das presenças, será fornecido um certificado da Unisinos.

2ª - inscrição por módulos específicos, unitários. Será fornecido um certificado da Unisinos.

3ª - participação livre e gratuita.

Edição especial do IHU On-Line

A última edição do boletim **IHU On-Line** no ano de 2004 será a da próxima semana. Na abertura do Fórum Social Mundial, dia 26 de janeiro, circulará a versão impressa de um número especial do boletim. Ele estará disponível no estande do IHU e, no dia 17, em versão eletrônica. O boletim voltará a circular normalmente, na segunda-feira, dia 28 de fevereiro de 2005.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU REPÓRTER



Vanderlei Langoni

"A vida da gente é feita de opções e renúncias". Esse é um dos lemas de vida do diretor de Recursos Humanos da Unisinos, Vanderlei Langoni, que, na edição desta semana, conta sua trajetória de vida aos leitores do IHU On-Line. Vanderlei é uma pessoa que procura sempre a justiça, vai atrás do que quer e é prudente nas decisões. Sua maior preocupação é não magoar as pessoas, com a convicção de que "é possível ser firme e amável ao mesmo tempo". A vida lhe ensinou o que ele hoje repassa para seus filhos,

Sara e Artur: "trabalhar nunca é demais, só faz bem". Conheça um pouco mais do colega do qual hoje traçamos o perfil.

Origens - Nasci em Porto Alegre e me criei na zona norte da Capital. Sou o segundo de cinco filhos de uma família com influência da cultura italiana. Perdemos uma irmã, que faleceu de problemas cardíacos aos quatro anos. Nosso ambiente familiar era muito aberto, solto. Convivíamos próximos aos meus avós maternos, que me influenciaram bastante. Todos os domingos, íamos à casa da "mama" para pedir a bênção. Acredito muito na família. Boa parte do que sou hoje devo aos meus pais.

Formação - Estudei em escolas públicas da zona norte de Porto Alegre. Iniciei minha formação no Grupo Escolar Humaitá. Fiz o ginásio na Escola Estadual Décio Martins Costa. Como comecei a trabalhar de dia, cursei o científico à noite, no Colégio Cândido José de Godói, em Porto Alegre. Terminei o segundo grau e ingressei no curso de Administração de Empresas na Faculdade São Judas Tadeu, de Porto Alegre. Fiz diversos cursos de aperfeiçoamento na área de recursos humanos, inclusive no exterior, incluindo os Estados Unidos e o Japão. Em 2001, concluí o mestrado em Administração, na UFRGS. Qualquer profissional, de qualquer área, tem que estar sempre buscando se aperfeiçoar, ou por meio de leitura especializada, ou de cursos, ou de visitas técnicas, ou até mesmo navegando na internet. O importante é estar sempre "antenado", porque o mundo anda muito rápido.

Histórias de infância - Quando eu estava na 4ª série, fui eleito o "Melhor Companheiro da Turma", que era uma promoção do Rotary. Tenho o diploma até hoje. O prêmio era um passeio de avião sobre Porto Alegre. Fui presidente e vice-presidente de Grêmio Estudantil. Gostava de participar de movimentos nas escolas. Isso foi bem no período da forte repressão no País, mas, naquela época, o estudante secundarista não tinha ainda muita noção do que estava acontecendo. Quem fazia política "pesada" era o universitário.

Trajetoária profissional - Comecei a trabalhar com 15, 16 anos, na Galeria do Rosário, em Porto Alegre, em uma loja de fotocópias que também vendia revistas. Um dia, em 1971, entrei na Sibisa S/A, uma empresa de exportação de madeira, e pedi um emprego. Fui contratado como *office boy* do setor de pessoal. Depois desempenhei outras atividades na empresa, onde

fiquei durante cinco anos. Meu próximo emprego foi na Andreas Stihl Motosserras, em São Leopoldo, onde trabalhei 17 anos como gerente de Recursos Humanos. Depois disso, vim para a Unisinos, em 1992, como superintendente de Recursos Humanos. Depois de sair de uma indústria, foi difícil, no começo, trabalhar na complexidade que é uma organização universitária. É um espaço de aprendizado muito grande. Uma universidade se diferencia em termos de complexidade de outras instituições, porque se trabalha com um grupo de pessoas bastante heterogêneo. Ela tem que reproduzir o mundo aqui dentro e acolher as mais variadas formas de pensar.

Família - Conheci a Sônia, minha esposa, nas Termas do Gravatal, em Santa Catarina, durante uma viagem que fiz. Ela estava fazendo estágio da Faculdade de Enfermagem no hotel onde me hospedei. Fui embora e passamos a nos comunicar somente por carta. Quando ela se formou na faculdade, conseguiu um emprego no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Daí nos casamos e dois anos depois veio a Sara, nossa primeira filha, que hoje está com 19 anos e cursa Jornalismo aqui na Unisinos. Ela adora dançar, desde os seis, sete anos fazia aula de dança. Algum tempo depois, tivemos o Artur, que tem 13 anos, estuda no Sinodal e joga tênis. Entre o Artur e a Sara perdemos um filho, no quinto mês de gestação. A Sônia mudou de profissão em função dos transtornos de trabalhar em uma cidade, morar em outra e cuidar de filhos pequenos. Optou por fazer faculdade de Psicologia e, depois de formada, montou uma clínica, onde hoje trabalha. Em uma família, ser pai é dar a base, assim como a mãe, cada um cumprindo seu papel.

Livro - Os livros marcam por época. Lembro de um livro que me marcou na adolescência: **Sidarta**, de Hermann Hesse. Em uma fase mais madura da minha vida, marcou-me o romance **O Perfume - História de Um Assassino**, de Patrick Süskind.

Filme - *Uma Mente Brilhante*, de Ron Howard, com o ator Russell Crowe, e *Um estranho no Ninho*, de Milos Forman, com o ator Jack Nicholson.

Presente - Meu esporte preferido é o tênis. Qualquer presente associado a ele, vai me agradar.

Nas horas livres - Houve uma época que eu acampava. Tinha barraca, tinha trailer, colocava um barco em cima do carro e pegava a estrada... Nessa época eu velejava bastante, o que gosto de fazer até hoje. Atualmente, o que mais faço é jogar tênis nas horas vagas. Esse é o meu momento. Também gosto de sair e viajar com a família, além de ir ao cinema.

Prioridades e metas - Meu negócio hoje é oferecer as melhores condições para meus filhos. É a minha opção, prioridade número 1. Como meta, pretendo ter mais tempo para viajar, o que quero ainda fazer bastante; conhecer o mundo, outras culturas e povos. Sonho bastante, mas sempre com o pé no chão.

Momentos marcantes - Não esqueço da minha participação, quando estudante secundarista, presidente de grêmio estudantil, de um Congresso promovido pela UGES – União Gaúcha de Estudantes Secundários, realizado em Erechim. Também me marcou quando, aos 18 anos, depois de juntar dinheiro, realizei o sonho de fazer minha carteira de habilitação e comprar meu primeiro carro. Com certeza, o nascimento dos meus filhos foi algo que marcou e mudou a minha vida para sempre.

Unisinos - A Unisinos é uma referência para as pessoas, para a comunidade. Ela é muito maior do que aparenta ser, porque uma organização como essa deixa marca nas pessoas para o resto da vida. A Unisinos tem uma identidade, uma marca muito forte. Ela tem uma tradição, um lastro cultural que não se restringe ao seu tempo de existência. O momento atual, de transição, tem mexido muito com as pessoas. E eu, como profissional da área, tenho encontrado dificuldades. É preciso manter a serenidade e ter visão de processo. Todas as organizações passam por esses momentos em função das mudanças do mundo. E a Unisinos vai passar bem por mais essa transição, que não foi a primeira, nem será a última.

IHU - O Instituto Humanitas Unisinos resgata e mantém acesa a idéia de que a Unisinos é muito mais do que os prédios que vemos. Ele mostra que há toda uma filosofia por trás, uma tradição até da própria Companhia de Jesus. O IHU tem o papel de provocar a discussão dos temas mais atuais e colocá-los em debate. Isso ocorre, principalmente, por meio da revista **IHU On-Line**, que está muito interessante, trazendo semanalmente temas complexos, densos, profundos, sem cair no esgotamento. O IHU tem identidade e cara próprias.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Cartas do leitor

Prezados colegas do IHU:

Esta mensagem é para parabenizar o belo volume que foi produzido pelo IHU, sobre a Reunião de Paleobotânicos e Palinólogos. Pude acompanhar todas as etapas de sua realização, desde quando foram feitas as entrevistas, até o cuidado em reenviar o material para correção, buscando fornecer uma informação o mais científica e valiosa possível. Estão todos de parabéns e, como responsável pelo evento, vocês têm para sempre minha gratidão e respeito pelo excelente trabalho realizado.

Abraços e votos de um belo final de ano.

Prof^a. Dr.^a Tânia Lindner Dutra
Pós-Graduação em Geologia - PPGeo da Unisinos

[\(Voltar ao índice\)](#)

Erramos

Na nota n.º 20, na página 28 da versão impressa do último boletim, n.º 126, de 6 de dezembro de 2004, quando escrevemos que Karl Barth foi um católico cristão, erramos. Karl Barth foi um cristão luterano. Pedimos escusas.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Diretora Adjunta: Prof^a MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@unisinos.br). Revisão: Prof^a Mardilê Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

(AgexCom). IHU On-Line circula às 2^{as} feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.